PUC
RIO

JOÃO ALBERTO BARRETO

"FAMÍLIA, DIVÓRCIO E DEPRESSÃO"

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, setembro de 1987

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Cham. 150 B150f TESE UC
Título Familia, divorcio e depressão

Ex.2 PUCB 0027909

JOÃO ALBERTO BARRETO

"FAMÍLIA, DIVÓRCIO E DEPRESSÃO"

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Hannes Stubbe

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
2092
BIBLIOTECA
20/04/88
DO RIO DE JANEIRO

27 909

150
B150f
TESEUC

DEDICATÓRIA ESPECIAL

"Este trabalho é dedicado a tôdas as vítimas da separação e do divórcio que sofreram e desapareceram em consequência do desamparo psicológico por perda afetiva, principalmente as crianças - pobres inocentes que em grande número pagaram com a vida pelo que não fizeram".

Aos meus queridos filhos, Adriene e Rodney, deixo no infinito do tempo e neste pequeno singular espaço a minha sincera gratidão e reconhecido débito afetivo.

À Clara, minha querida mulher, o meu reconhecimento pela tolerância, incentivo e sobretudo interesse demonstrado ao longo desse estudo.

AGRADECIMENTOS:

Expresso nesta tese a minha gratidão ao professor HANNES STUBBE pelo empenho, paciência e diligência com que me orientou na sua realização e no qual tentei absorver o máximo do seu conhecimento. Não poderia deixar de manifestar ao amigo e Mestre Ued Malluf os meus sinceros agradecimentos pelo interêsse e críticas construtivas sôbre este despretencioso trabalho. Agradeço a direção do Hospital Universitário Pedro Ernesto da UERJ, através do seu diretor Dr. Jorge Alberto Costa e Silva, que facilitou o máximo a pesquisa junto ao setor psiquiátrico, como também a direção do Instituto de Psiquiatria da UERJ. Ao Dr. Celso F. de Barros, presidente do Conselho Estadual de Entorpecentes, pela grande ajuda no início desta tese. Ao amigo e Jornalista Fernando Horácio da Matta pela gentileza no trabalho de correção da linguagem do texto. À minha querida irmã e biblioteconomista Maria Aparecida de M.B. Gonzaga, a minha gratidão e grande aprêço. À psicóloga Regina Cavaliere e à acadêmica de medicina Fernanda Romero, o meu reconhecimento pelo grande auxílio na pesquisa realizada. À Telma, Márcia, Val e Vera pelo grande interesse, persistência e excelente datilografia realizada, e a todos aqueles que indiretamente colaboraram com a referida tese, o meu muito obrigado.

"Oh, love could you and I with him conspire,
to grasp this sorry scheme of things entire
would not we shatter it to bits and then
Remould it nearer to the heart's desire " .

Omar Khayam

RESUMO

Este trabalho visa uma abordagem de pesquisa clínica psicológica da separação e do divórcio no Brasil e especificamente no Estado do Rio de Janeiro. Volta-se, ainda, para o estudo dos fenômenos da depressão, suicídio, homicídio, alcoolismo e problemas econômicos da família fragmentada.

No primeiro capítulo analisa-se o desenvolvimento histórico da separação e divórcio no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro. No segundo, reporta-se ao estudo das pesquisas nos Estados Unidos e em outros países. No terceiro, faz-se uma análise comparativa dos resultados da pesquisa de uma amostragem de pacientes de duas instituições psiquiátricas públicas da cidade do Rio de Janeiro com as amostras norte-americanas. No quarto, reporta-se a um estudo fenomenológico e comportamentista da depressão como consequência do luto. Recorre-se, ainda, ao estudo clássico de DURKHEIM sobre o suicídio. Apresentam-se alguns dados estatísticos desse fenômeno no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro. No quinto, registra-se o estudo de diversos períodos em que se processa a crise da separação e a aplicação da intervenção psicoterapêutica. No sexto, destacam-se os problemas econômicos do sudeste brasileiro, onde se inclui o Estado do Rio de Janeiro e suas relações hipotéticas com o empobrecimento das famílias separadas. Conclusão : impõem-se algumas recomendações de natureza sócio-econômica-política em proteção às famílias fragmentadas.

ABSTRACT

This thesis aims at an Psychological Clinical research on separation and divorce in Brasil, mainly in Rio de Janeiro. It also focus the study of depression, suicide, homicide, alcoolism phenomena and the economical problems of the fragmented family.

In the first chapter we analyse the historical development of fivorce and separation in Brasil and in Rio de Janeiro. In the second one we study the researches in USA and other countries. The third chapter presents an analysis of a sample research obtained with patients from two public psychiatric institutions in Rio de Janeiro compared to researches in american institutions. In the fourth chapter we deepen into the phenomenological and behaviorist study of depression as a consequence to an emotional loss. We make reference to the DURKEIM's classical study on suicide and present some statistical data about it in Rio de Janeiro. In the fifth chapter we present a study on the various periods in which the separation crisis takes place and register the psychoterapeutic intervention. The sixth chapter brings forth the economical problems in the southeastern region of Brasil where Rio de Janeiro is located and its hypothetical relationship to the impoverishment of separated families. Finally, we make a few sócio-economical-political recommendations as a means to protect the fragmented families.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 01

1 - SEPARAÇÃO E DIVÓRCIO NO BRASIL 05

1.1 - Histórico..... 05

1.2 - A Lei nº 6515 de 26 de dezembro de 1977..... 10

1.3 - Separação e divórcio judicial do Estado do Rio de Janeiro..... 12

2 - ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O DIVÓRCIO E SEPARAÇÃO, E CONSEQUÊNCIAS EM OUTROS PAÍSES..... 19

2.1 - Admissão em Instituições Psiquiátricas e Psicológicas..... 19

2.2 - Consequência Psiquiátrica e Psicológica..... 21

2.3 - Doenças Psicossomáticas..... 22

2.4 - O Problema do Alcoolismo..... 25

2.5 - O Suicídio..... 26

2.6 - O Homicídio..... 27

2.7 - As Causas do Divórcio na União Soviética..... 29

2.8 - As Causas da Separação na Cidade do Rio de Janeiro..... 30

3 - METODOLOGIA UTILIZADA NA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA POR MICROCOMPUTADOR DOS DADOS DA PESQUISA DAS AMOSTRAS NO RIO DE JANEIRO..... 34

3.1 - Modelo da Folha de Dados..... 36

3.2 - Análise Metodológica das Amostras no Estado do Rio de Janeiro..... 38

3.2.1. - Pesquisa realizada no Hospital Universitário da UERJ..... 38

3.2.1.1 - Descrição..... 38

3.2.1.2 - Análise dos Resultados..... 39

3.2.1.2.1 - Distribuição de Entradas de Pacientes na Instituição Psiquiátrica nos anos de 1983, 1984 e 1985..... 39

3.2.1.2.2 - Distribuição de Entradas de Pacientes na Instituição Psiquiátrica segundo o Estado Civil.....40

3.2.1.2.3 - Distribuição da População de Pacientes Depressivos em Relação à População Geral..41

3.2.1.2.4 - Distribuição da População de Pacientes Depressivos segundo o sexo e o estado civil.42

3.2.1.2.5 - Distribuição da População de Pacientes Depressivos segundo o sexo.....43

3.2.1.2.6 - Distribuição de Pacientes Depressivos segundo a Idade..... 44

3.2.1.3 - Conclusão..... 45

3.2.2. - Pesquisa realizada no Instituto de Psiquiatria da UFRJ

3.2.2.1 - Descrição..... 47

3.2.2.2 - Análise dos Resultados..... 48

3.2.2.2.1 - Distribuição de entradas de pacientes na Instituição Psiquiátrica nos anos de 1983,1984 e 1985..... 48

3.2.2.2.2 - Distribuição de entradas de pacientes na Instituição Psiquiátrica segundo o estado civil..... 49

3.2.2.2.3 - Distribuição da população de pacientes depressivos em relação à população geral.. 51

3.2.2.2.4 - Distribuição da população de pacientes depressivos segundo o sexo..... 52

3.2.2.2.5 - Distribuição de pacientes depressivos segundo o sexo e o estado civil..... 53

3.2.2.2.6 - Distribuição de pacientes depressivos segundo a idade.54

3.2.2.3 - Conclusão..... 55

3.2.2.4 - Interpretação das Pesquisas no Rio de Janeiro..... 57

3.2.2.5 - Análise Comparativa das nossas pesquisas em relação as de outros países..... 58

4 - O LUTO, A DEPRESSÃO, O SUICÍDIO E O DIVÓRCIO..... 62

4.1 - O Luto e a Depressão..... 62

4.2 - Teorias Cognitiva e Comportamental da Depressão..... 72

4.3 - O Suicídio..... 81
4.3.1 - A Visão de E. DURKHEIM..... 81
4.3.2 - O Suicídio no Estado do Rio de Janeiro... 85
4.3.3 - Conclusão..... 88
5 - INTERVENÇÃO PSICOTERAPÊUTICA NO PROCESSO DE DIVÓRCIO E SEPARAÇÃO..... 91
5.1 - As Fases do Desenvolvimento..... 91
5.1.1 - Período de decisão pré-divórcio..... 92
5.1.2 - Período de decisão..... 92
5.1.3 - Período de luto..... 93
5.1.4 - Período de reequilibração..... 94
5.2 - Estratégias utilizadas durante o processo..... 94
5.3 - Modelo de perda segundo ELIZABETH KUBLER-ROSS... 98
5.3.1 - Fases..... 98
5.3.1.1 - Fase da negação..... 98
5.3.1.2 - Fase da raiva..... 99
5.3.1.3 - Fase do acordo..... 100
5.3.1.4 - Fase da depressão..... 101
5.3.1.5 - Fase da aceitação..... 102
5.3.2 - Aplicação das técnicas psicológicas segundo as fases do modelo de perda.....103
5.4 - Grupos de crescimento.....105
6 - A FAMÍLIA, A CRIANÇA E OS PROBLEMAS ECONÔMICOS.....111
6.1 - O envolvimento da família.....111
6.2 - Criança, a maior vítima.....113
6.3 - Os problemas econômicos.....114
6.4 - Conclusão.....117

COMENTÁRIO FINAL..... 121

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 125

INTRODUÇÃO

Esta tese se prende ao estudo da separação e divórcio e suas consequências negativas sobre a estrutura psicológica da família - cônjuges e filhos. Os estudos e pesquisas demonstram que a maioria dessa população sofreria nestas condições problemas psicossomáticos dos mais variados e consequentemente atitudes comportamentais das mais desadaptativas. Como corolário, a depressão, o suicídio, o homicídio, o alcoolismo, a neurose e psicose poderiam emergir de modo muito significativo.

As pesquisas nos U.S.A. e em outros países destacam a vulnerabilidade do casamento na sociedade moderna, e o divórcio e a separação aparecem como um fato social dos mais relevantes.

Em 1976 (BLOOM e al) havia nos U.S.A. 1.077.000 divórcios em 2.133.000 casamentos, i.e, cinco divórcios para cada dez casamentos. Enquanto que o número de divórcios tem aumentado de forma dramática, o número de casamento e sua média têm estabilizado e começado a decrescer. Em 1968 houve um aumento de 7% no número de casamentos sobre o ano anterior. Entre 1968 e 1972 a média anual de casamentos tem diminuído. Entre 1974 e 1975 o decréscimo foi na ordem de 4% (National Center for Health Statistics, 1976).

A duração média de casamentos que terminam em divórcio tem declinado nos anos recentes. Em 1963 a duração era de 7,5 anos. Em 1967 era de 7 anos. Em 1975 a taxa já se revelava em 6,5 anos (National Center for Health Statistics, 1977).

Em nosso país, AZEVEDO (1961) já confirmava em suas pesquisas a estatística crescente das separações nos anos, de 1890, 1940 e 1950.(1)

Como evidenciam os estudos e pesquisas norte-americanos, a população de separados e divorciados aumentarão de forma significativa nos próximos anos. O Brasil e especialmente o Rio de Janeiro não escaparão dessa realidade, como demonstram as nossas pesquisas.

Os problemas psicossociais resultantes são extremamente delicados para a sociedade. Por esse motivo fomos sensibilizados ao estudo e pesquisa desse fato social.

O estudo e desenvolvimento histórico da separação e divórcio no Brasil nos servirá para entender as dificuldades enfrentadas pela sociedade em aceitar o desmembramento da família. Sabemos que nas suas raízes se encontram a influência do direito canônico. A proteção à família tinha uma base altamente religiosa e conservadora.

O advento da lei 6515 veio amparar legalmente as novas famílias, até então desamparadas pela legislação anterior.

Mas a nova legislação só estaria interessada, simplesmente, na legalização nas novas uniões e não nos problemas desadaptativos da família divorciada.

Segundo o conhecimento das pesquisas em outros países, reconhecemos a importância de se realizar no Estado do Rio de Janeiro não só o levantamento estatístico do divórcio e separação, mas também partir para uma investigação sobre a população que busca internação nas instituições psiquiátricas. Consideramos como dados básicos o número de admissão,

---

(1) Este fato ocorreu do mesmo modo em nosso país e especificamente no Rio de Janeiro nos anos de 1982, 1983 e 1984, segundo os nossos estudos e pesquisas.

estado civil, idade, diagnóstico de depressão, tentativas de suicídio e alcoolismo.

Com os resultados desta pesquisa, poderíamos fazer uma análise comparativa com as pesquisas norte-americanas e de outros países, e verificarmos suas coincidências e divergências.

Escolhemos o diagnóstico da depressão pela sua universalidade como fenômeno resultante da perda afetiva. Pelos estudos clínico-psicológicos, a depressão ocorre, normalmente, em casos de luto, em função da separação, divórcio e viuvez. Toda perda afetiva de natureza significativa leva as pessoas ao luto. Depressão e luto se transformam num mesmo fenômeno.

Uma abordagem fenomenológica idiográfica dentro dos princípios teóricos cognitivista e comportamentista nos levariam a um entendimento muito claro do fenômeno em questão.

A depressão e a raiva numa dimensão extremada poderiam resultar em consequências fatais como o suicídio e homicídio. O suicídio anômico proposto por DURKHEIM (1969) em clássico estudo, vai nos proporcionar uma penetração mais profunda do tema, principalmente quando assinala as relações do suicídio com o divórcio e a condição de solteiro.

O desamparo da família fragmentada é uma questão social observada, provavelmente, em todas as sociedades. Esta condição psicológica se reflete em função do luto e as novas condições econômicas que os indivíduos passam a viver. A luta pela sobrevivência psicológica e econômica aparece como um fato muito difícil para a família dividida. O homem ou a mulher sendo abandonado quando ainda existe um forte vínculo afetivo, pode ser le-

vado a sentir o enfraquecimento do seu auto valor e de sua auto-estima. O suicídio e o homicídio podem, num dado momento, ser a única saída.

O artigo 175 da Constituição de 1967 preconiza que é um dever do Estado a proteção à família. Esse artigo revela a importância da família nuclear na sociedade em que vivemos.

1 - SEPARAÇÃO E DIVÓRCIO NO BRASIL

1.1 - Histórico

A separação e o divórcio no Brasil, apesar de terem sido uma conquista político-social, foram uma consequência das grandes mudanças sociais que a família brasileira passou, como assinala com muita propriedade Cândido (1951), na obra "THE BRAZILIAN FAMILY": o desaparecimento do feudo consanguíneo e conflitos entre famílias foram um evidente sinal de desintegração da consciência coletiva do parentesco em favor de uma organização doméstica restrita, da estrutura conjugal, adaptada às novas condições econômicas e sociais. Algumas mudanças ocorreram na organização patriarcal: igualdade de status entre a mulher e o homem; uma grande participação da mulher nas atividades econômicas; o aumento do controle dos nascimentos; o aumento no número de desquites e casamentos de desquitados; decréscimo da autoridade paterna e a consequente diminuição das distâncias dentro da família; o enfraquecimento dos limiares do parentesco e, consequentemente, uma mudança da família extensiva ao grupo conjugal.

Acrescentaria à esta lista, a grande ocorrência da atitude da mulher na iniciativa da separação e do divórcio numa frequência cada vez maior. Este fato é ratificado no estudo sociológico de Willems (1953), quando afirma: " o casamento é relativamente instável. A iniciativa do rompimento conjugal é frequentemente tomada pela mulher, como de regra, não encontra particularmente dificuldade em se ligar a outro homem".

Segundo CÂNDIDO (op.cit.) outros traços foram vigorosamente preservados, como a tolerância do adultério masculino,

a intolerância do adultério feminino, e o violento tabu da perda da virgindade até mesmo nos centros mais urbanizados. Percebe-se, hoje, que tal atitude se encontra em processo de mudança em função das transformações dos nossos valores morais, sociais e culturais.

Durante o regime monárquico o casamento religioso era o único reconhecido judicialmente, até que o regime republicano, na Constituição de 24 de fevereiro de 1891, introduziu o casamento civil obrigatório. Desde então, esse passou a ser o laço legal considerado pelo Estado para todos os efeitos jurídicos. Os nascimentos legítimos, por exemplo, são resultantes dos casamentos civis. Nos termos do Código Civil, o casamento civil consistia, então, em uma união monogâmica e indissolúvel. A Constituição Federal estabelecia que a família tinha a proteção do Estado. Mas, ao lado desse instituto, persistirá o casamento sacramentado da Igreja Católica não reconhecido pelo Estado.

Sendo o casamento civil, no Brasil, por força da Constituição Federal e do Código Civil, monogâmico e indissolúvel, foi difícil o estabelecimento no país do divórcio a vínculo. O regime republicano tentou introduzí-lo, mas opôs-se lhe a resistência dos Constitucionalistas, da Igreja e de grande parte da opinião pública. O espírito e a letra da legislação de orientação familista em vigor vinham sendo minados pelas tentativas persistentes dos divorcistas as quais se intensificaram nos últimos 50 anos, persistindo, ainda, a supremacia do setor que defendia a sociedade contra a desorganização da família.

Em lugar do divórcio total foi introduzido, por uma

lei de 24 de janeiro de 1890, incorporada à Constituição Federal de 1891 e às seguintes, a separação legal ou divórcio a "mensa et thoro" que não dissolve os laços matrimoniais, mas desobriga os cônjuges da obrigação da vida em conjunto. Esse instituto a princípio denominado divórcio e assim referido nos documentos judiciais e censitários passou a ser chamado de "desquite". Os motivos para o desquite, de acôrdo com a legislação, se apresentou em ordem de importância: 1) Adultério, 2) Tentativa de morte, 3) Maus tratos ou injúria grave, 4) Abandono voluntário do lar conjugal por dois anos contínuos. O consentimento mútuo foi um motivo introduzido na legislação. O adultério aparecia na época ser a causa mais frequente da separação e a mais invocada contra as mulheres, enquanto os homens, nos casos publicados, pareciam mais culpados de maus tratos e abandono do lar, uma vez que o adultério masculino seria muito mais difícil de provar. De fato, o adultério feminino caracterizava-se toda vez que uma mulher tinha relação sexual ou provada intimidade com outro homem que não fôsse seu esposo, e a verificação desse fato por uma só ou poucas pessoas seria suficiente, segundo a tradição, para firmar a convicção da infidelidade conjugal. O adultério masculino, a mais das vezes, é definido como a manutenção permanente e ostensiva de amante própria, desde que, também por tradição, o homem, casado ou solteiro, gozou sempre de bastante liberdade de movimentos e do exercício sexual extramarital.

O número absoluto de desquites, na época, teve um crescimento contínuo desde a introdução do mesmo: em 1890 foram registrados em todo o País 21.313 "divórcios"; em 1950, havia as-

cendido a 40.164; e, em 1940, o número de desquitados nos dados de censo foi de 67.156 devido a adição dos separados de fato, cujas separações não haviam sido legalmente processadas. Mesmo levando em conta essa ressalva, vê-se que a frequência relativa de desquite na época era decrescente em vista do fato de que, enquanto o grupo de pessoas de 15 anos de idade e mais dos dois sexos dobrou desde 1890, o número de casamentos passou de menos de 4 milhões a mais de 16 milhões em 1950. Em verdade, duplicando os desquites e quadruplicando os casamentos entre aquelas datas, conservou-se estável a relação percentual entre o número de separações legais e o total da população. Dados do Anuário Estatístico do Brasil referentes ao período de 1955 a 1957, indicam que nos últimos anos o número de desquites concedidos aumentou lentamente, sendo quase três vezes mais frequentes os desquites amigáveis do que litígiosos, e entre os últimos verificaram-se duas vezes mais casos de abandono do lar do que adultérios.

Enquanto nos Estados Unidos o divórcio é muito menos frequente nas áreas rurais do que nas urbanas, no Brasil o desquite parece decrescer mais lentamente nas regiões menos urbanizadas que nas grandes cidades industriais. Dentre as cidades brasileiras, as taxas mais alta e de menores declínios relativos foram as da cidade do Rio de Janeiro, cujos algarismos para 1890, 1940 e 1950 foram de 1,34, 1,71 e 1,21[1], isto é, em 1890, tivemos 1556 desquites; em 1940, 9606; e em 1950, 9919, o que demonstra o aumento.

Segundo AZEVEDO (op.cit), o crescimento absoluto de

(1) Porcentagem em relação a população de casados numa estimativa de 115.602 pessoas em 1890; 560.627 em 1940 e 817.023 em 1950.

número de casos, nesse período, não acompanhou o aumento da população nem da nupcialidade. Todavia, deve-se registrar que pouco se conhecia na época sobre o fenômeno, dada a falta de estudos sociológicos do mesmo.

Há muitos anos atrás inventou-se um tipo de união a que se chamou informalmente de "casamento comercial", constituído num contrato firmado em cartório notarial com a presença de testemunhas e a assinatura de interessados, para assistência mútua e prestação recíproca de serviços entre homem e mulher em troca ou de um dote ou da manutenção da mulher pelo homem. Ordináriamente, uniam-se assim homens casados civilmente e desquitados, ou seja, separados apenas de fato de suas esposas, com uma mulher solteira. Mulheres desquitadas também se ligavam pelo mesmo contrato ou a solteiros ou a desquitados. Este fenômeno era típico da classe média urbana na época, mas sem os efeitos psicosociais desejáveis. Procurou-se, então, outra forma que se aproximasse mais dos vínculos legal e socialmente consagrados. A solução encontrada foi na época mostrada e oferecida por certos advogados que seria a de obter num outro país o reconhecimento do desquite como real divórcio a vínculo e, a seguir, o casamento segundo a legislação do país com outra pessoa igualmente desquitada. Configuravam-se assim, os casamentos no Uruguai ou no México. Os interessados viajariam para esses países ou se casavam, então, por procuração. Essa alternativa era uma consequência que os desquitados não podiam se casar enquanto viviam seus cônjuges, uma vez que a separação de corpos não implicava em dissolução do vínculo matrimonial.

1.2 - A Lei nº 6515 de 26 de dezembro de 1977

Chegou-se a um dado momento que a sociedade brasileira clamou por uma solução social para aqueles desquitados que já se encontravam unidos a outras pessoas, com famílias estruturadas, mas sem qualquer amparo legal.

O Congresso Nacional decretou e o Presidente da República sancionou a lei nº 6515, de 26 de dezembro de 1977, que passou a regular os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e deu outras providências. Esta lei é tratada na Emenda Constitucional nº 9, de 28 de junho de 1977, que dá nova redação ao parágrafo 1º do art. 175 da Constituição Federal.

No artigo 2 da lei a sociedade conjugal termina : a) pela morte de um dos cônjuges; b) pela nulidade ou anulação do casamento; c) pela separação judicial; e d) finalmente pelo divórcio. Ficou, então, bem evidenciado que o casamento válido somente se dissolvia pela morte de um dos cônjuges ou pelo divórcio, como assinala o parágrafo único.

O artigo 24 da lei do divórcio põe termo ao casamento e aos efeitos civis do matrimônio religioso.

Esta lei, de fundo reconhecidamente social, põe fim a uma quantidade imensa de famílias estruturadas ilegalmente , em que se comprometiam as condições civis dos filhos resultantes.

Anteriormente, com a separação legal, ambos os cônjuges mantinham-se ligados pelo vínculo matrimonial, herança da influência do Direiro Canônico na formação das leis civis brasileiras.

O legislador, pelos avanços sociais e políticos, e sob a influência de outros países em grande desenvolvimento social, entendeu que a sociedade por mais que tivesse interesse em proteger a família não poderia deixar de solucionar decisoriamente através da lei a reorganização das famílias - núcleo central da sociedade moderna. Entendeu, também, que elas estavam, hoje, sujeitas a um processo de transitoriedade e de mudanças. Esta situação concorreria para uma perturbação psicológica, social e econômica, lamentavelmente, atingindo as famílias em sua organização estrutural e moral.

Toffler (1971) já afirmava que, atualmente, "as pessoas se vêm esmagadas pela rapidez com que ocorrem as mudanças e as alterações sociais, e as grandes dificuldades em se adaptarem ou não às novas realidades".

A separação e o divórcio são uma mudança muito radical na vida das pessoas e o ajustamento à nova vida se faz com muita dificuldade. Como escreve Velho (1983), a crise conjugal e a separação alteram drasticamente o conjunto e a rêde de relações constituídas através do casamento. Não só as duas famílias de origem - avós, pais, irmãos, cunhados, tios, primos -- mas também amigos do casal, sofrem a consequência do fato, havendo forçosamente uma restruturação e remapeamento do campo social.

Os hábitos psico-afetivos são rompidos de um dia para o outro e a readaptação e formação de novos laços de amor e amizade não se fazem em dias, mas em anos. Mas como o ser humano é um organismo condicionável, ele se recupera na maioria das vezes.

Diante de uma sociedade pluralista, menos conservado-

ra e mais democrática, onde as pessoas têm o direito à liberdade de decidir a dissolução de um casamento desadaptado, presume-se que estas têm o direito de se ligar a outras relações mais saudáveis apesar da fregmentação da família.

A experiência social nos ensina que um casamento saudável dificilmente seria levado a uma separação litigiosa ou consensual. Segundo o art. 5 da lei 6515, os motivos básicos para a dissolução conjugal seriam: a) conduta desonrosa ou qualquer tipo de ato que importe em grave violação dos deveres do casamento, tornando insuportável a vida em comum; b) ruptura da vida em comum por mais de cinco anos consecutivos e a impossibilidade de sua reconstituição; c) doença mental grave, manifestada após o casamento, tornando insuportável a continuação da vida em comum.

Essses aspectos da lei já foram um avanço sobre o derrogado artigo 317 do Código Civil Brasileiro, em que a separação litigiosa só poderia ser formulada diante dos seguintes casos: a) adultério; b) tentativa de morte; c) servícia ou injúria grave; d) abandono do lar; e) doença mental grave.

A lei 6515 amplia, sobremodo, os motivos das causas da dissolução conjugal e a intervenção social jurídica cabível.

1.3 - Separação e divórcio judicial no Estado do Rio de Janeiro (1)

A pesquisa do IBGE (2) realizada nos anos de 1982, 1983 e 1984 se torna significativa para o nosso trabalho em função dos

---

(1) A estatística de casamento no Brasil em 1982 foi de 994.246; em 1983 de 866.190 e em 1984 de 936.070. No Rio de Janeiro em 1982 foi de 86.075; em 1983 de 82.394 e em 1984 de 89.987. A estatística de separações judiciais no Brasil em 1982 foi de 40.320; em 1983 de 50.996 e em 1984 de 62.547. A estatística de divórcios em 1982 foi de 27.266; em 1983 de 31.521 e em 1984 de 30.847. O índice percentual da separação em relação ao casamento no Brasil foi de 4,5%, 5,9% e 6,6% e do divórcio de 3,9%, 5,1% e 4,1% nos anos mencionados, respectivamente.

(2) Anuário Estatístico do IBGE, 1985.

seguintes dados:

1. O número de separados e divorciados ocorrido em 1982, 1983 e 1984 no Estado do Rio de Janeiro.
2. Grupos de idade do marido e da mulher na data da sentença.
3. Tipo de família e total de filhos.

1a. Número de Divorciados(3)

O número de divorciados resultantes em função do tempo de casamento, ficou assim distribuído:

Divórcio Judicial concedido em 1a.Instância

ANOS	TOTAL	2 Anos	3 Anos	4 Anos	5 Anos	6 Anos	7 Anos	8 Anos	9 Anos	10-14 Anos	15-19 Anos	20 Anos ou mais
1982	3808	X	17	18	73	104	119	132	157	769	657	1741
1983	4288	X	05	14	65	138	155	168	176	874	743	1937
1984	3762	X	05	11	43	77	120	151	339	758	654	1788

Torna-se muito evidente que o maior número de divórcio ocorre justamente no período de tempo até 20 anos de relação conjugal(4) ,mesmo admitindo-se que a sentença proferida pode ser dada muito tempo depois do casamento ter sido dissolvido. Verificamos que de 1982 para 1983 houve um aumento do número de divórcios e em 1984 uma diminuição . Hipotetizamos que existe um grande número de separações de fato em função das dificuldades econômicas, que acabam empurrando os casais a postergarem o divórcio ou a separação para uma outra ocasião.

Assim, ratifica MENDONÇA (1964), no caso de ruptura dos laços conjugais, o comportamento que parece ser mais usual, no entanto, é o da separação de fato sem que de fato haja desquite, principalmente nas classes mais baixas da população.

(3) Os processos de divórcios judiciais concluídos apresentam uma estatística no Brasil de 27.786 divorciados em 1982; de 31.991 em 1983 e de 31.123 em 1984. No Rio de Janeiro foi de 3.825 em 1982; de 4.407 em 1983 e de 3.793 em 1984.

(4) É interessante notar que as pessoas com 20 anos ou mais de casados requerem o divórcio. É provável que já estejam separadas de fato ou desquitadas há mais tempo.

Assim, não temos uma visão estatística real do número de divórcios ocorridos. Percebemos com muita evidência que à proporção que o casamento vai se mantendo com o tempo, o número de divórcios vai diminuindo progressivamente. Isto quer dizer que a população casada, à proporção que aumenta a idade, se torna menos vulnerável aos conflitos existentes pelo fortalecimento da maturidade e resistência às mudanças. As pessoas mais velhas, dia a dia, percebem que os seus horizontes diminuem cada vez mais. O seu futuro se torna mais encolhido e a sua vida se volta mais para o aqui, o agora e o passado.

As separações judiciais em primeira instância não deixaram de sofrer a mesma evidência que ocorreu com o divórcio e duração do casamento, acima apresentados. Vamos à estatística :

1b. Número de Separados (5)

Separação Judicial concedida em 1a.Instância

ANOS	TOTAL	2 Anos	3 Anos	4 Anos	5 Anos	6 Anos	7 Anos	8 Anos	9 Anos	10-14 Anos	15-19 Anos	20 Anos ou mais
1982	5273	500	490	438	443	422	335	261	297	912	504	614
1983	6057	565	540	557	536	424	373	348	291	1073	575	741
1984	6691	587	577	559	541	514	451	374	323	1232	651	842

(5) Os processos de separações judiciais concluídos apresentam uma estatística no Brasil de 41.376 separados em1982: de 52.066 em 1983 e de 63.698 em 1984. No Rio de Janeiro foi de 5.288 em 1982; de 6.183 em 1983 e de 6.819 em 1984.
Nós utilizamos os grupos populacionais relacionados aos processos de separação e divórcio judicial concedidos em 1a. instância em função de outros dados considerados importantes como o grupo de idade da mulher e do homem e tipo de família e total de filhos na dissolução conjugal.

Observamos o progressivo aumento do número de separações judiciais de 1982 a 1983, numa razão de aproximadamente 20% ao ano e de 10% de 1983 para 1984 numa taxa que pode ser considerada muito significativa. Percebemos que o casamento, após dois anos de duração, vai diminuindo a taxa de separação e podemos afirmar diante deste quadro, que o número de separações no Rio de Janeiro, nos anos acima, se concentrou na faixa dos dois anos de casamento. Esta estatística de diminuição é também observada nos Estados de S.Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Pelo visto, os jovens se separam muito mais cedo que os mais velhos.

2a. Grupos de idade do marido na data da sentença (6)

ANOS	TOTAL	ATÉ 20 ANOS	DE 20 a 24 ANOS	DE 25 a 29 ANOS	DE 30 a 34 ANOS	DE 35 a 39 ANOS	DE 40 a 44 ANOS	DE 45 a 49 ANOS	DE 50 a 54 ANOS
1982	5273	15	302	1277	1311	902			212
1983	6057	10	370	1454	1513	1006			274
1984	6691	11	354	1521	1750	1158			334

Pelo exposto acima, as separações judiciais por grupos de idade do marido se concentra entre 30 e 34 anos no Estado do Rio de Janeiro. Dos 20 aos 34 anos o aumento é progressivo, e

(6) No grupo do Divórcio Judicial em 1a.instância, a concentração de faixa etária se dá em tôrno de 35 a 39 anos para o homem e de 30 a 34 anos para mulher no Rio de Janeiro.

após vai declinando. Afirmamos, então, que os homens nesta faixa são altamente vulneráveis às separações, numa idade de afirmação profissional e social, voltados para a educação dos seus filhos em idade escolar.

2b. Grupos de Idade da Mulher na data da sentença

ANOS	TOTAL	ATE 20 ANOS	DE 20 a 24 ANOS	DE 25 a 29 ANOS	DE 30 a 34 ANOS	DE 35 a 39 ANOS	DE 40 a 44 ANOS	DE 45 a 49 ANOS	DE 50 a 54 ANOS
1982	5273	189	722	1562	1136	669	437	214	128
1983	6057	214	970	1672	1332	780	463	287	153
1984	6691	254	1035	1753	1507	869	524	339	193

Observamos que as mulheres na faixa de 25 a 29 anos no Estado do Rio de Janeiro se separam mais. Ocorre o mesmo em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Dos 20 aos 29 anos, há um aumento progressivo na dissolução conjugal, diminuindo a partir dos 30 anos em diante. Nesta faixa de idade, a mulher se encontra cuidando dos filhos, de casa ou mesmo de sua afirmação profissional. Se a separação ocorre em sua maioria nesta faixa, percebem envolvimento de um grande número de família com filhos menores de idade (7) como demonstra a estatística

(7) Idade abaixo de 18 anos.

abaixo.

3. Tipo de Família e Total de Filhos

ANOS	TOTAL	Somente c/ maiores de idade	c/filhos menores de idade	c/filhos maiores e menores	sem filhos	Total de filhos
1982	5273	226	3617	238	1188	8302
1983	6057	226	4319	215	1300	9560
1984	6691	228	4738	261	1460	10.552

Verificamos que o maior número de separações se dá em torno do tipo de família com filhos menores de idade. Este fato vem demonstrar as dificuldades que os pais separados passam nas relações com os filhos em função das suas necessidades de formação escolar e social. A ocorrencia da diminuição do poder econômico da "nova família" é uma realidade a ser enfrentada, sobretudo, quando se trata de famílias da classe média e pobre.

Este dado ocorre do mesmo modo em S.Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (Anuário estatístico do Brasil IBGE, 1985).

2 - ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O DIVÓRCIO E SEPARAÇÃO, E CONSEQUÊNCIAS EM OUTROS PAÍSES

Uma grande quantidade de pesquisas foram realizadas sobre o tema em países de grande desenvolvimento social como os Estados Unidos, Canadá, Escócia, Inglaterra, Austrália, , tendo todos uma variável comum - a desestruturação psicológica do homem e da mulher e suas consequências mórbidas para toda a família.

2.1 - Admissão em Instituições Psiquiátricas e Psicológicas

Torna-se muito evidente a relação entre a disrupção conjugal e os problemas de perturbação emocional , através da análise estatística das taxas de admissão de pessoas em instituições psiquiátricas públicas e privadas. Por exemplo, Bachrach (1975,APUD Bloom e al),nos Estados Unidos,fez o seguinte levantamento de admissão de pacientes numa instituição psiquiátrica pública, segundo o estado civil e o sexo:

	Solteiros	Casados	Separados	Viuvos
Homens	501,1	122,1	1712,4	355,6
Mulheres	216,8	81,7	595,1	152,6

Não resta a menor dúvida de que esses aspectos da estatística evidenciam flagrantemente : a superioridade numérica dos separados sobre a dos solteiros,

casados e viúvos.

Os homens superam de longe as mulheres nessas internações. Esse último aspecto vem em oposição à idéia de que as mulheres seriam as mais vulneráveis segundo afirmam: BRANDWEIN , BROWN e FOX (1974), STEIN (1970), HETHERINGTON, COX e COX (1976, 1977)[1].

Outras pesquisas confirmam esses resultados como as de CRAGO (1972), REDICK e JOHNSON (1974), ADLER (1953), ROBERTSON (1974), MALZBERG (1964), THOMAS e LOCKE (1963), GRAD E SAINSBURY (1966) e BLOOM (1975)[2] em que destacou três aspectos básicos:

1. As taxas de admissão são mais altas entre as pessoas separadas e divorciadas.
2. Admissão dos homens são mais altas do que das mulheres.
3. A taxa de admissão de pessoas separadas são mais altas do que as divorciadas.

---

(1) BRANDWEIN, BROWN e FOX (1974), STEIN (1970), HETHERINGTON , COX e COX (1976,1977), APUD BLOOM e al.

(2) CRAGO (1972), REDICK e JOHNSON (1953), ROBERTSON (1974) , MALZBERG (1964), THOMAS e LOCKE (1963), GRAD e SAINSBURY (1966), APUD BLOOM e al.

Por essas pesquisas, além de dezenas de outras, torna - se substanciado o fenômeno estatístico nas taxas de admissão em instituição psiquiátrica de pessoas separadas e divorciadas.

2.2 - Consequência Psiquiátrica e Psicológica

Outros estudos e pesquisas também foram realizadas em função do diagnóstico psicológico e psiquiátrico da população separada e divorciada, assim como das doenças mórbidas de que essa população foi acometida.

SROLE, LANGNER, MICHAEL, OPLER e RENNIE (1962)[3] concluíram uma pesquisa no campo familiar na cidade de Manhattan : as pessoas divorciadas desse local, para ambos os sexos, apresentaram uma morbidez mental entre todas as categorias do estado conjugal. Os dados mostram que 19,3% dos homens casados, em contraste com 40% dos divorciados, foram comprometidos psiquiatricamente, e 19,9% das mulheres casadas, em relação a 42,1% das divorciadas foram também atingidas, i.e., as taxas de morbidez psiquiátrica eram bem maiores nos divorciados que nos casados . Outros estudos como de BLUMENTHAL (1967), TAUSS (1967), BRISCOE, SMITH, ROBINS, MARTEN e GASKIN (1973), RADLOFF (1975), PEARLIN

(3) SROLE, LANGNER, MICHAEL, OPLER e RENNIE (1962), APUD BLOOM e al.

e JOHNSON (1977)[4] apresentaram os mesmos resultados nas suas pesquisas.

HETHERING, COX e COX (1976,1977), BRANDWEIN, BROWN e FOX (1974), STEIN (1970)[5] defenderam a tese de que o relacionamento entre a dissolução conjugal e a psicopatologia parece ser mais forte nos homens que nas mulheres, dismistificando a crença que a mulher é o sexo mais frágil.

2.3 - Doenças Psicossomáticas

Um grande número de estudos tem tentado ligar a experiência do estresse com a precipitação de uma variedade de doenças. Tais relações formam a tese empírica das hipóteses dos distúrbios psicofisiológicos.

Um estudo conduzido pela National Center for Health Statistic (1976), com cerca de 88.000 pessoas nos Estados Unidos, examinadas em 1971 e 1972, concluiu que as pessoas viúvas, separadas e divorciadas apresentaram taxas mais altas de doença e desajustamento emocional do que as pessoas casadas e

(4) BLUMENTHAL (1967), TAUSS (1967), BRISCOE, SMITH, ROBINS, MARTEN e GASKIN (1973), RADLOFF (1975), PEARLIN e JOHNSON (1977), APUD BLOOM e al.
(5) Autores op.cit.

solteiras. Particularmente, as mulheres pareciam ser as mais vulneráveis, o que contrasta com os outros estudos.

Ainda, dessa fonte, as taxas de morte por tuberculose e cirrose de fígado são constantemente mais altas entre os divorciados que os casados. Nos casos de homens brancos e não brancos de ambos os sexos, a taxa de morte por neoplasia maligna do sistema respiratório é mais alta entre os divorciados do que entre os casados e homens não brancos. As taxas de morte por diabete mellitus e distúrbio arteriosclerótico do coração é mais alto entre os divorciados que entre os casados: HOBRIN e HENDERSHOT (1977)[6], confirmam esses resultados.

GOVE (1972, 1973)[7], em seus estudos, relatou que as taxas de mortalidade são mais baixas entre os casados do que os não casados e que as diferenças em taxas de mortalidade entre pessoas casadas e solteiras, divorciadas ou viúvas são maiores entre os homens do que entre as mulheres. Propôs, ainda, que as diferenças entre estado conjugal e o sexo na prevalência do suicídio e morte por doenças específicas são devidas à natureza do casamento na sociedade ocidental, isto é, à natureza dos papéis

(6) HOBRIN e HENDERSHOT (1977), APUD BLOOM e al.
(7) GOVE (1972,1973) , APUD BLOOM e al.

conjugais desempenhados pelos homens e mulheres. Argumenta , ainda ,que as vantagens que o casamento proporciona aos homens , tornando-os menos sujeitos ao estresse, poderia resultar em suicídio ou no aparecimento de certas doenças no caso dos rompimentos conjugais. O casamento teria uma função protecional às estruturas emocionais e orgânicas.

GLASS (1983), num artigo no qual apresenta uma relação muito próxima entre os problemas de relação conjugal e evento coronariano, assim se manifesta:

"Diversas classes de estressores psicológicos se ligam às grandes desordens cardiovasculares, incluindo a insatisfação com o relacionamento conjugal e outras relações mais próximas ". Continuando, afirma que os eventos estressantes como a morte de um parente próximo ou a repentina perda da auto estima (por ex., no divórcio e separação), aumenta a probabilidade de um evento coronariano.

JENKINS (1971, 1972, 1976)[8] tem enfatizado o papel dos fatores sociais e psicológicos nos distúrbios da artéria coronária. O divórcio ou a separação como fenômeno de estresse psicossocial pode não ser diretamente responsável por esse tipo de problemas, mas, como fator de estresse, concorre claramente para o aumento do risco do distúrbio.

---

(8) JENKINS (1971, 1972, 1976), APUD BLOOM e al.

2.4 - O Problema do Alcoolismo

WECHSLER, THUM, DEMONE e DWINNELL (1972)[9] concluíram em sua pesquisa que os divorciados e separados apresentam mais insumos alcóolicos que os viúvos, solteiros e casados. O estudo considerou uma amostra de 6.000 pessoas admitidas no serviço de emergência do "Massachussets General Hospital".

Outros como ROSENBLAT, GROSS, MALENOWSKI, BROMAM e LEWIS (1971)[10], constataram a psicose alcóolica aguda nas pessoas de idade abaixo de 45 anos, numa relação muito significativa entre a dissolução conjugal e as múltiplas internações. Os trabalhos de WOODRUFF, GUZE e CLAYTON (1972)[11] confirmam essa informação.

O alcoolismo (1980, Enciclopédia Mirador Internacional) representa um dos mais sérios problemas médicos e sociais do mundo contemporâneo. A sua frequência é variável conforme os países e as épocas consideradas. Antes de 1914, os alcóolatras representavam cerca de 35% do total de pacientes internados em hospitais psiquiátricos da Europa Central. No período compreendido entre as duas grandes guerras, o número de alcóolatras di-

---

(9) WECHSLER, THUM, DEMONE e DWINNELL (1972), APUD BLOOM e al.
(10) ROSENBLAT, GROSS, MALENOWSKI, BROMAN e LEWIS (1971) APUD BLOOM e al.
(11) WOODRUFF, GUZE e CLAYTON (1972), APUD BLOOM e al.

UNIVERSIDADE CATÓLICA

minuiu e na Alemanha chegou quase a zero. Depois da 2a. Guerra Mundial voltou a haver um rápido aumento na frequência do alcoolismo, observado não só na Europa, mas em todos os países do Hemisfério Ocidental.

No Brasil, cerca de 50% dos pacientes internados nos vários hospitais psiquiátricos são alcoolatras e os gastos com os mesmos ascendem a grandes cifras.

Na União Soviética, PEREVEDENTSEV (1978, APUD Kalmykova) reporta que 47% das mulheres requerem o divórcio em consequência dos maridos serem alcoólatras, o que ocorre também em outros Países.

2.5 - O Suicídio

Segundo os estudos e pesquisas, o divórcio e a separação tem desencadeado uma série de manifestações comportamentais desadaptativas, não só como o suicídio e homicídio, mas também a taxas altíssimas de insumo alcoolico ou uso de drogas que podem levar a morte

SCHNEIDMAN E FARBEROW (1961, APUD BLOOM e al) fizeram um estudo comparativo de algumas características pessoais nas tentativas e no cometimento de suicídio em 1957, em Los Angeles, no qual se concluiu que as pessoas separadas, divorciadas e viúvas são significativamente representadas entre aquelas que cometem o suicídio e sub-representadas entre aquelas que o tentaram.

Parece provável que entre as pessoas mais velhas o rompimento da relação diádica afetiva concorre para que o comportamento suicida seja letal.

Os estudos de LITMAN e FARBEROW (1961, APUD BLOOM e al) parecem indicar que a potencialidade para a autodestruição se evidencia muito nos rompimentos dos casos afetivos, como as tentativas de suicídio entre as pessoas jovens. EISENTHAL, FARBEROW e SCHNEIDMAN (1966, APUD BLOOM e al) ratificaram esses estudos.

Segundo os relatos contínuos do National Center for Health Statistics (1970),no período de 1959 - 1961,na morte por suicídio entre mulheres e homens de cor branca e negra, a taxa era superior entre os divorciados que qualquer outra categoria de estado conjugal.

GOVE (1972, op.cit.) relatou que esses estudos e pesquisas não eram só verdadeiros para os Estados Unidos, mas também para outras sociedades como as da Suíça, Canadá e Nova Zelândia. Uma única exceção verifica-se entre os solteiros na Suécia.

2.6 - O Homicídio

No caso de morte por homicídio, os estudos relatados pelo National Center for Health Statistics (1970) demonstram que o risco de morte por homicídio é muito mais alto nos casos de divorciados homens e mulheres brancas e não brancos de qualquer outra categoria do estado civil. No caso de mulheres brancas o risco é quatro vezes maior entre as divorciadas do que entre as casadas. No caso dos homens brancos, o risco é de cerca de sete vezes maior entre os divorciados que entre os casados. Entre os não brancos o risco é duas vezes tão alta quanto o das mulheres e três vezes tão alta quanto dos homens brancos.

Fizemos um levantamento nos principais órgãos da im - prensa brasileira, e verificamos as consequências drásticas resultantes dos problemas afetivos, nas separações e divórcios no cometimento de homicídios e suicídios. Os filhos são as maiores vítimas. (12)

De 1981 para cá, em grandes manchetes, os principais jornais brasileiros (Folha de S.Paulo, Globo, Jornal do Brasil) destacaram uma série de crimes, ligados à separação e divórcio, com grandes títulos.

. Matou os filhos porque passava necessidades.
. Marido mata mulher e fere enteado usando duas facas.
. Homem se mata no fórum após atirar na mulher.
. Cinco crianças morrem na mão dos pais a tiros, faca e veneno para rato.
. Fiscal mata o filho de sete anos, incendeia a casa e comete suicídio.
. Polícia prevê que a separação do casal é chave do mistério.
. Rigor das novas leis não impede que italianos matem por ciúmes.
. Pai mata filho a facadas para se vingar da mulher.
. Operário salva menino que mãe atirou da Rio-Niterói.
. Suicida que matou filhos revelou intenção em fita.
. Tristeza por perder alguém pode até matar.
. Carta de Isabel reclama de abandono.

(12) Entendemos que este fato social não deve ser generalizado, pois nem toda separação ou divórcio leva a estas consequências.

2.7 - As Causas do Divórcio na União Soviética

Com a simplificação das leis de divórcio na União Soviética, em 1965, o número de divorciados aumentou em 1960 de uma taxa de 1.3 para 1.6 em 1965, e 3.6 em 1979 (1983,MOSKOFF)

As causas consideradas mais importantes, segundo as pesquisas, são o alcoolismo, o adultério e a incompatibilidade de caráter.

Os estudos de Kharchev e MATSKHOVSKII (1978,APUD KALMYKOVA) mostram que o alcoolismo foi identificado como causa do divórcio em 20% a 44% dos casos. Só em 1978, 47% das mulheres pediram divórcio em função desta causa,segundo PEREVEDENTSEV(1978,APUD MOSKOFF).

Com relação ao adultério, em 1978, foram relatados 24% como causa de todos os divórcios naquele ano.

A incompatibilidade de caráter seria uma outra causa. Nos Estados Unidos teria a denominação de "diferença inconciliável",e aqui no Brasil de "incompatibilidade de gênios". Este problema ocorre quando ambos os cônjuges não encontram as condições de controle emocional para solucionar ou enfrentar grandes ou pequenos problemas que normalmente aparecem nas relações conjugais. Segundo os estudos russos o conceito escapa a uma definição precisa.

Kalmykova (1984) relata alguns casos de separação que ocorrem com os jovens na União Soviética. Por exemplo: os cônjuges não fazem qualquer esforço para criar relações estáveis. Continuam a levar suas vidas como antes do casamento. Não tentam encontrar qualquer interêsse comum. Em consequência, os conflitos se tornam mais fortes e acabam se divorciando.

Outras causas ou determinantes que podem ser considerados:

1. A extinção do amor
2. Interferência de pais e parentes
3. Mudança do papel social da mulher
4. A urbanização
5. O trabalho de 80 horas da mulher e os homens de 50 anos
6. A irritação da mulher quanto a não ajuda dos homens nas responsabilidades da casa
7. A independência dos papéis do homem e da mulher reduzindo o papel da família
8. O problema da liderança familiar
9. Desacordo na hierarquia dos valores.

As primeiras causas básicas relatadas, como o alcoolismo, adultério e incompatibilidade de caráter, são consideradas universais, i.e., ocorre com muita frequência em todas as partes do mundo.

2.8 - As Causas da Separação na Cidade do Rio de Janeiro

De janeiro a novembro de 1986 (Jornal do Brasil) foram distribuídos à justiça da cidade do Rio de Janeiro cerca de 5.553 processos de separação. No estudo feito desses pedidos constataram que as causas das separações foram baseadas diferencialmente segundo as varas de família remunerada e varas de famílias de justiça gratuita.

Nas varas de família remunerada preponderaram as causas relacionadas aos problemas econômicos, intolerância, infidelidade masculina e feminina, falta de preparo para o casamento e imaturidade.

Nas varas de família de justiça gratuita as causas prevalentes foram o alcoolismo e o abandono do lar.

Uma pesquisa realizada pelo titular da 2a. vara de família, o Juiz LIBORNI SIQUEIRA, entre 128 casais, para apurar as causas que levam à ruptura do casamento, constatou que cerca de 60% dos casais se separam por extinção de sentimentos de amor e as demais relacionadas à incompatibilidade de gênios.

Nesta pesquisa fez-se uma distinção entre os pobres e as pessoas da classe média. Afirma o autor que aos pobres não interessam a separação judicial, pois esta ocorre naturalmente, ou seja, o casal se separa de fato e pronto. Quando recorre à justiça, não há agressões e nem brigas por dinheiro. Os fatores patológicos causais prevalecem em torno do alcoolismo, desemprego e na irresponsabilidade, em razão da facilidade com que praticam o sexo. Entre os casais de classe média, o autor afirma haver uma grande deseducação nos seus comportamentos. Lamentavelmente transformam os filhos em objetos de suas vinditas. O dinheiro tem grande importância para os aquinhoados, pois as discussões se amesquinham e dificilmente celebram um acordo em torno dos alimentos e da guarda dos filhos.

Dos 128 casais, 60% se separam na faixa de 30 a 40 anos. Segundo o magistrado, a grande incidência atinge casais mais jovens porque não estão preparados para enfrentar a neurose social dos conflitos existenciais. E, lamentavelmente, a se-

paração deixa grandes sequelas que irá afetar o contexto afetivo emocional dos filhos, pois a carência da atenção e da afetividade torna-se um legado comum.

A Dra. Graça Conde, Presidente da Associação Brasileira de Direito da Família, aponta como causas que preponderaram na separação dos casais os problemas financeiros, o excesso de liberdade dos casais e, ainda, o desnível social e cultural. Afirma a advogada que os filhos são as maiores vítimas da separação. O término do casamento dos pais levam as crianças ao descontrole emocional e relata uma experiência em que funcionou como advogada, onde uma criança com 11 anos de idade chegou a tentar o suicídio (Jornal do Brasil, 1986).

Não podemos deixar de registrar o fato de uma mãe separada do marido que , no seu total desespero, matou seus três filhos e, em seguida, se matou. É comovente a carta que a filha de 13 anos, chamada Isabel, uma adolescente, enviou a seu pai dois meses antes, que agora transcrevo, segundo Granato (1987).

"Pai. Hoje tomei coragem e resolvi escrever tudo o que penso sobre essa situação horrível que estamos vivendo. Sabe , pai, é duro, eu Otto, Miguel e mamãe termos que aguentar tudo isto, se você pelo menos telefonasse para nós, seus filhos, ainda dava para encarar mais ou menos esta barra, mas nem isso você faz, parece até que se esqueceu que tem três filhos. Já fazia mais de um mês que a gente não se via, até você ir dia 11 na escola, mas mesmo assim ficou lá 10 minutos e conversando com o Toninho (motorista). Quando você vai para o Guarujá, fica quatro horas e vai embora, pois não pode deixar a namorada nem um dia, e sem ver seus filhos passa um ou dois meses. Será que nós

não representamos nada para você? É isso que eu penso, pois você acha que eu estou feliz em ficar sem ver meu próprio pai durante um ou dois meses, de ficar chorando toda noite, como agora, por exemplo, de sair com minhas amigas e elas me apresentarem os pais delas e eu nem isso posso fazer, de encontrar uma dificuldade, seja na escola ou na casa e não poder ir em sua casa para você me ajudar, com medo de encontrar uma pessoa a mais aí, que é a causa de todo esse problema, heim? Você acha que é fácil? Pai, eu te adoro, e você sabe disso, por que você não liga mais para mim? Tá sendo duro. Eu sei que um dia isso tudo vai passar, mas quando? E esta carta eu tô escrevendo sem ninguém saber, e quero que você a receba, leia e não conte a ninguém, nem precisa comentar comigo, pois eu logo vou perceber que você continua gostando de mim quando você mudar de atitude. Te adoro. Pena que você não demonstre o mesmo, né? Um beijo de sua filha".

De uma forma geral, a separação de casais constitui, hoje, uma epidemia, cujo controle só tem um remédio: o interesse do Estado na ajuda às famílias em crise e, principalmente, solucionando os problemas econômicos e sociais do povo.

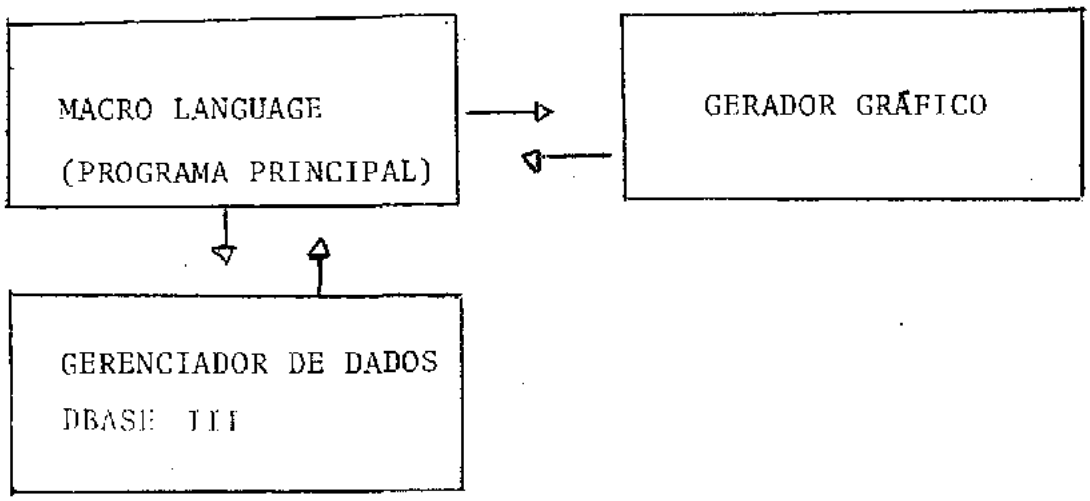
Os estudos e pesquisas relatados acima no Brasil, especificamente no Estado do Rio de Janeiro, nos dá uma base para observar e verificar que o fenômeno em destaque se manifesta de maneira óbvia como ocorre em outros países.

É importante destacar que o conhecimento preciso desse fenômeno e sua ocorrência devem influenciar as autoridades no sentido de desenvolver estudos e práticas de intervenção psicossosial na família em crise, como forma de proteger a sociedade das consequências tão maléficas que atingem não só os membros da sociedade conjugal, mas todo o sistema familiar. Portanto, o interesse por esse trabalho tem uma base evidenciadamente psicossocial político.

3 - METODOLOGIA UTILIZADA NA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA POR MICRO - COMPUTADOR DOS DADOS DA PESQUISA DAS AMOSTRAS NO RIO DE JANEIRO:

1. Recebimento de dados através dos formulários apropria - dos.
2. Compatibilização dos dados para a digitação.
3. Otimização dos dados através de críticas de campo.
4. Armazenagem dos dados em bancos de dados DBASE III.
5. Processamento dos dados em percentuais estatísticos.
6. Printagem dos resultados em gráfico do tipo "pie-chart" e "BAR".

Criou-se um "software" para integração do banco de dados com a planilha geradora de gráficos. Esse "software" foi projetado conforme esquema abaixo:



ETAPAS DO PROCESSO

a) O programa principal procura o gerenciador de dados

b) O gerenciador de dados recebe os dados, através de digitação, armazena estes dados e os processa em percentuais e volta ao programa principal.

c) O programa principal coloca os dados processados na planilha e gera os gráficos.

MATERIAL UTILIZADO: SOFTWARE

SOFTWARE:

1. Gerenciador de dados (D BASE III plus da ashton tate incorporated)
2. Planilha integrada (SYMPHONY 1.0 da lotus corporation)
3. Sistema operacional (MS DOS 3.2 da microsoft)

HARDWARE:

1. Microcomputador IBM PCXT c/ 640 K BYTES
2. Monitor padrão Hércules
3. 2 Drives 5/4
4. 1 Winchester 20 M BYTES
5. Impressora 80 colunas gráfica.

3.1 - Modêlo da Folha de Dados[1]

Data de Internação: Nº Prontuário:

1. Estado civil -

2. Diagnóstico de ordem psicológica -
   Diagnóstico de ordem psiquiátrica -
   Diagnóstico de doenças orgânicas -

3. Tentativa de suicídio -

4. Tentativa de homicídio -

5. Sexo -

6. Idade -

7. Número de filhos -

8. Pais separados ou divorciados -

9. Profissão -

---

(1) Destes dados só foram computados o ano de internação, estado civil, diagnóstico de depressão, alcoolismo, tentativa de suicídio, sexo e idade.

10. Nacionalidade -

11. Naturalidade -

12. Número de irmãos -

13. Primeiro ou segundo casamento -

14. Escolaridade -

15. Residência -

16. Bairro -

17. Status Econômico -

18. Empregado ou desempregado -

19. Gráu de Escolaridade -

3.2 - Análise Metodológica das amostras no Estado do Rio de Janeiro

3.2.1 - Pesquisa realizada no Hospital Universitário da UERJ

3.2.1.1- Descrição

Foi levantado no Hospital Universitário da UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - uma amostragem de 271 pessoas[1], com entrada nesta instituição nos anos 1983, 1984 e 1985 em relação aos seguintes dados: ano de internação, estado civil, diagnóstico de depressão, idade, sexo, tentativas de suicídio e alcoolismo.[2]

Segundo a coordenação do Arquivo Geral, essa amostra corresponde a 80% dos pacientes admitidos nos anos mecionados.

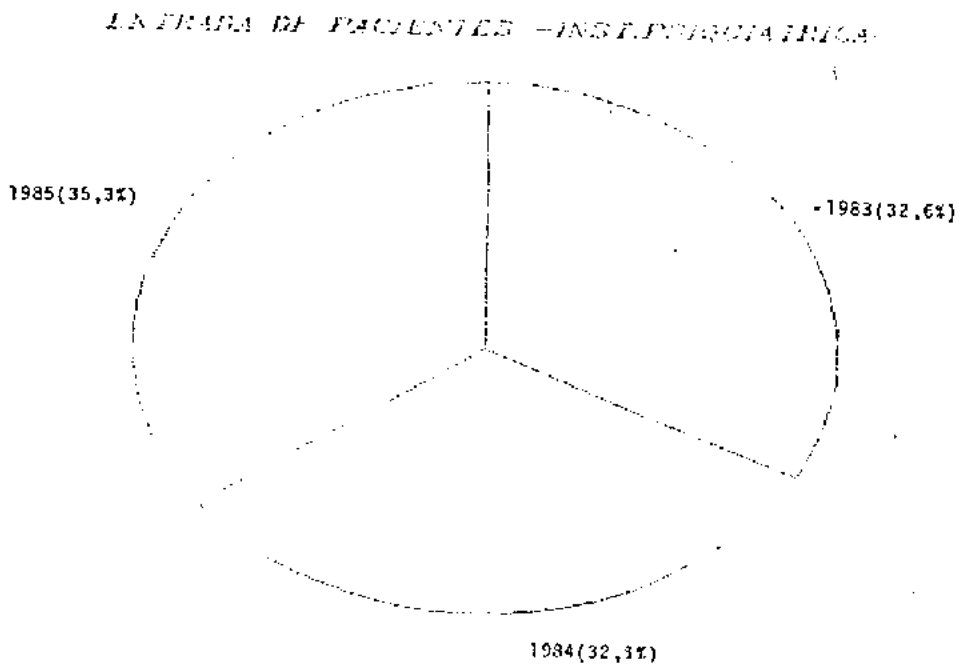
---

(1) O levantamento dessa amostra foi realizado aleatoriamente.

(2) Esta amostra se refere a pacientes com diagnóstico de psicose, neurose e alcoolismo. A população de pacientes ambulatoriais não foi levantada em função das dificuldades burocráticas e tempo escasso para o desenvolvimento e conclusão da tese.

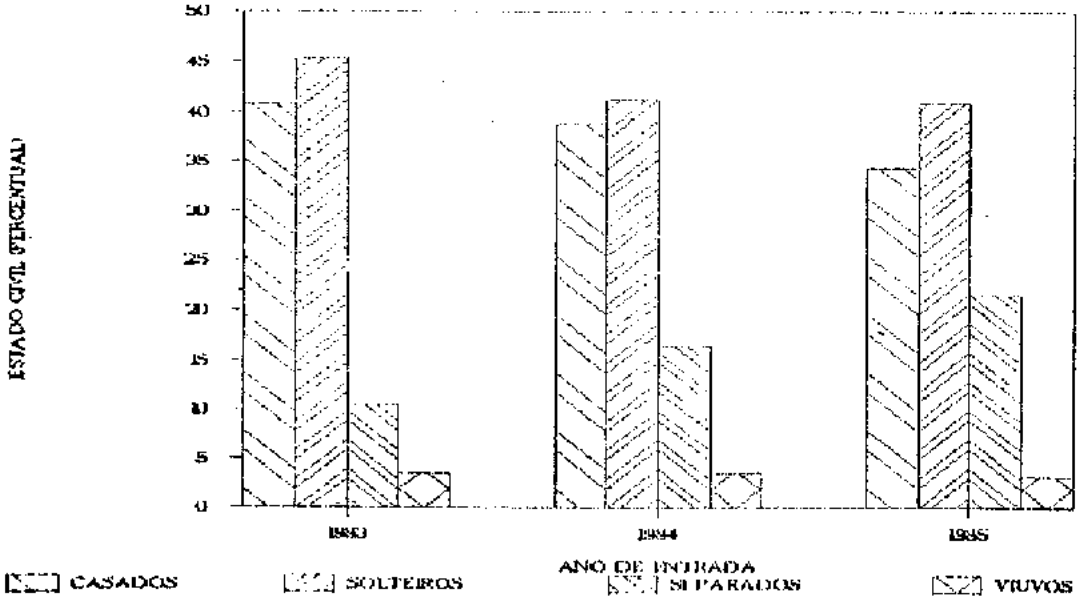
3.2.1.2- Análise dos Resultados

3.2.1.2.1- Distribuição de Entradas de Pacientes na Instituição Psiquiátrica nos anos de 1983, 1984 e 1985.



Observamos que deram entrada no Departamento Psquiátrico cerca de 32,6 pessoas em 1983, 32,1 em 1984 e 35,3 em 1985, havendo, portanto, um aumento em 1985 de mais ou menos 3%.

3.2.1.2.2-Distribuição de Entradas de Pacientes na Instituição Psiquiátrica segundo o Estado Civil: (3)



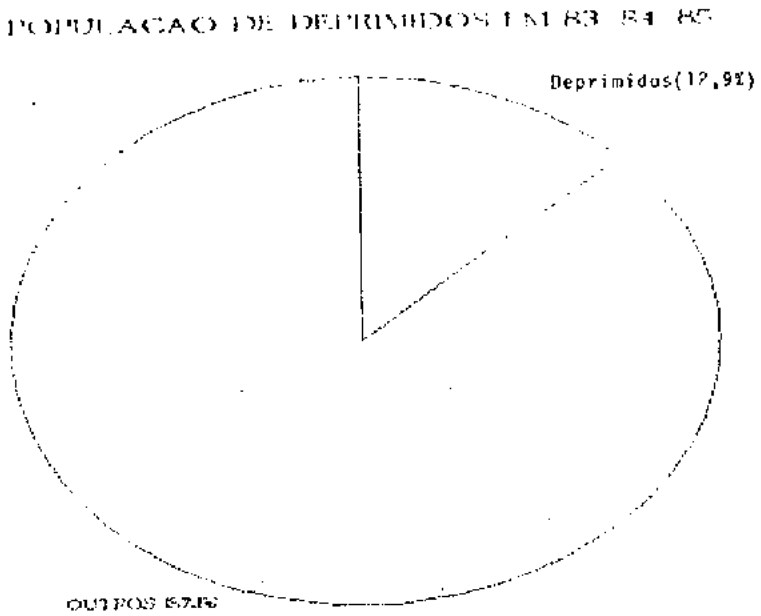
Em 1983, entraram na instituição 45% de pacientes solteiros, 42% de pacientes casados, 10% de pacientes separados e 3% de viúvos. Em 1984, foram admitidos 43% de pacientes solteiros, 38% de pacientes casados, 16% de pacientes separados e 3% de pacientes viúvos. Em 1985, houve curiosamente a mesma linha de admissão, 42% de pacientes solteiros, 34% de pacientes casa -

(3) O percentual de separados nesta pesquisa foi estabelecida em relação à população geral internada em 1983,1984 e 1985. Este percentual provavelmente dobraria, se a relação fosse feita com a população de casados. Tal fato não invalida os resultados.

dos, 21% de pacientes separados e 3% de viúvos.

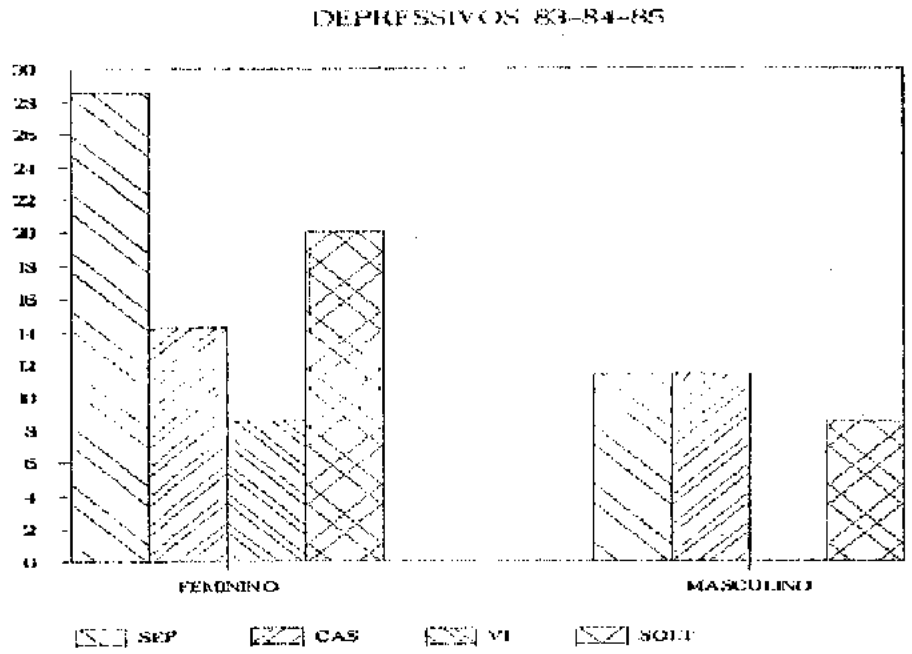
Este resultado nos mostra com muita evidência que nos três anos seguidos prevaleceu o maior número de entradas na instituição de pacientes solteiros, seguidos dos pacientes casados e, finalmente, separados e viúvos. Percebemos, ainda, um aumento progressivo de pacientes separados nesses três anos, admitidos na instituição, como também uma pequena diminuição de admissão de pacientes casados e uma estabilidade dos pacientes solteiros.

3.2.1.2.3- Distribuição da População de Pacientes Depressivos em Relação à População Geral:



Em relação ao diagnóstico de Depressão, consideramos que 12,9% foram diagnosticados como pacientes em depressão , reunindo tanto os reativos como os endógenos , da população geral.

3.2.1.2.4- Distribuição da População de Pacientes Depressivos segundo o Sexo e o Estado Civil:

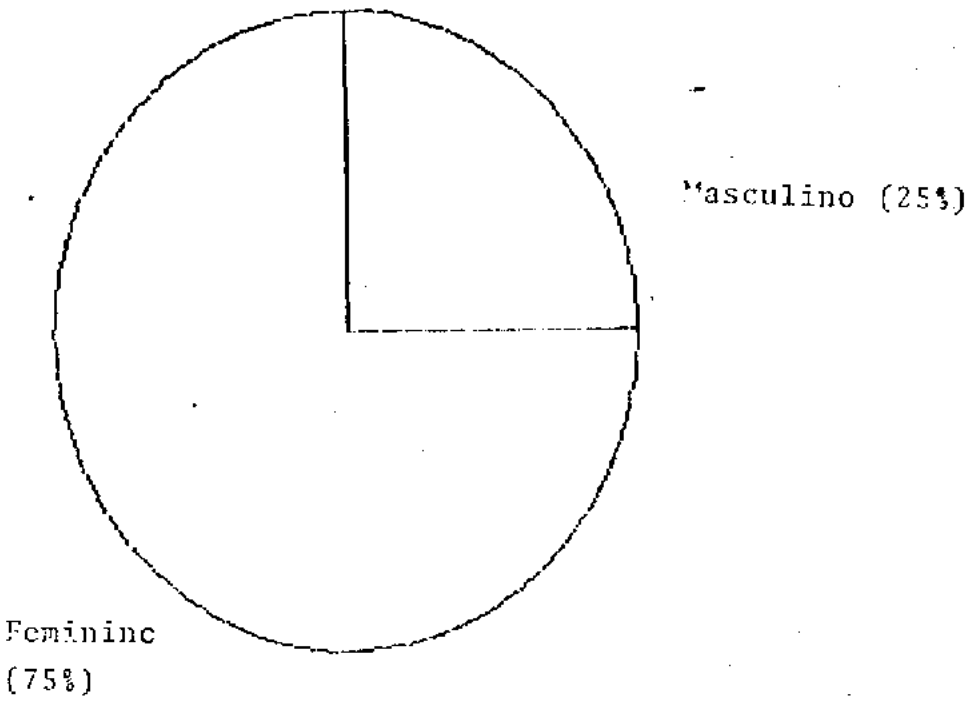


Dessa população de 12,9% do total de 271 pessoas, a amostra evidenciou que 28% eram pacientes do sexo feminino e separados , 22% de mulheres solteiras, 14% de mulheres casadas e 8% de mulheres viúvas. Em relação ao sexo masculino,vamos encontrar no mesmo patamar 10% de homens deprimidos, separados e

casados, e 8% de homens solteiros, não havendo na amostra viúvos com depressão.

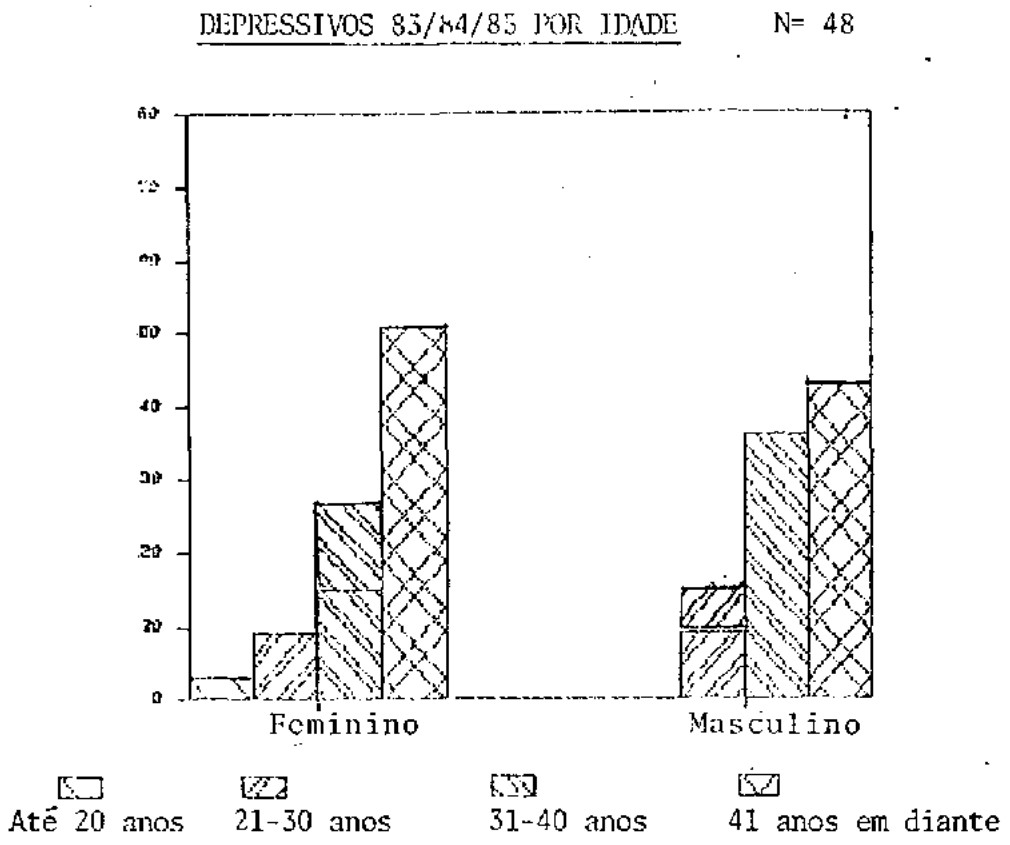
Pela amostra verificamos maior número de mulheres separadas deprimidas, do que os solteiros, casados e viúvos de ambos os sexos.

5.2.1.2.5-Distribuição da População de Pacientes Depressivos segundo o Sexo



Pelo gráfico observamos que a mulher aparece em maior número da população de pacientes depressivos, numa taxa de 75% das internações para 25% dos homens.

3.2.1.2.6- Distribuição de Pacientes Depressivos segundo a Idade:



Com relação a idade, verificamos que as mulheres depressivas se encontram na Instituição Psiquiátrica na faixa de idade acima dos 41 anos, situando-se em 50% da população depressiva. Em seguida aparece 28% de pacientes na faixa de idade de 31-40 anos, 19% na faixa de 21-30 anos e, por último, 3% na faixa com menos de 20 anos.

Em relação ao homem, 42% dos depressivos se encontram

na faixa de idade acima de 41 anos, 33% na faixa de 31 a 40 anos, e por último 25% na faixa de 21 a 30 anos.

3.2.1.3- Conclusão

- Os pacientes solteiros, homens o mulheres, apresentaram o maior número de admissão na instituição psiquiátrica.

- Há uma grande evidência no aumento progressivo de pacientes separados homens e mulheres admitidos na instituição psiquiátrica nos anos de 1983, 1984 e 1985.

- Encontramos uma prevalência de mulheres separadas deprimidas na população pesquisada sobre todos os outros estados civis nos dois sexos.

- O diagnóstico da depressão aparece numa base de 12,9% na população pesquisada.

- A população de viúvos admitidos na instituição psiquiátrica se apresentou numa mesma faixa de 3% nos três anos consecutivos.

- A estatística de entrada de pacientes na Instituição Psiquiátrica não apresentou diferenças acentuadas nos três anos pesquisados.

- As mulheres solteiras deprimidas prevalecem sobre os homens solteiros deprimidos na população pesquisada.

- As mulheres casadas deprimidas estão numa faixa superior aos homens casados deprimidos.

- A ordem de procura das instituições psiquiátricas segundo o estado civil é a seguinte:

1. solteiros
2. casados
3. separados
4. viúvos

- Da população de depressivos as mulheres apresentam o maior contingente.

- O maior número de pacientes depressivos, homens e mulheres, procuram a instituição psiquiátrica numa faixa de idade acima dos 41 anos.

- Dentre o grupo de deprimidos algumas mulheres tentaram o suicídio e alguns homens tentaram o suicídio fora dêsse quadro.

- As tentativas de suicídio se situam numa faixa de idade entre 25 a 44 anos, para ambos os sexos.

- Os homens se internam mais que as mulheres.

- A população de alcoólatras do sexo masculino é evidenciadamente maior que a do sexo feminino.

- A ordem de hierarquia das internações nas instituições psiquiátricas por alcoolismo é a seguinte:

1 - casados
2 - solteiros
3 - separados
4 - viúvos

- Em nossa pesquisa o maior número de alcoólatras que procuram internação se encontra numa faixa de idade abaixo de 50 anos.

3.2.2- Pesquisa realizada no Instituto de Psquiatria da UFRJ

3.2.2.1- Descrição

Nesta pesquisa foi levantada uma amostragem de 374 pessoas[1], com entrada nesta instituição nos anos de 1983,1984 e 1985. Os dados pesquisados foram os mesmos coletados na pesquisa anterior realizada no Hospital Universitário da UERJ. Essa amostra foi considerada cêrca de 10% da população geral que se internou nos anos já mencionados[2].

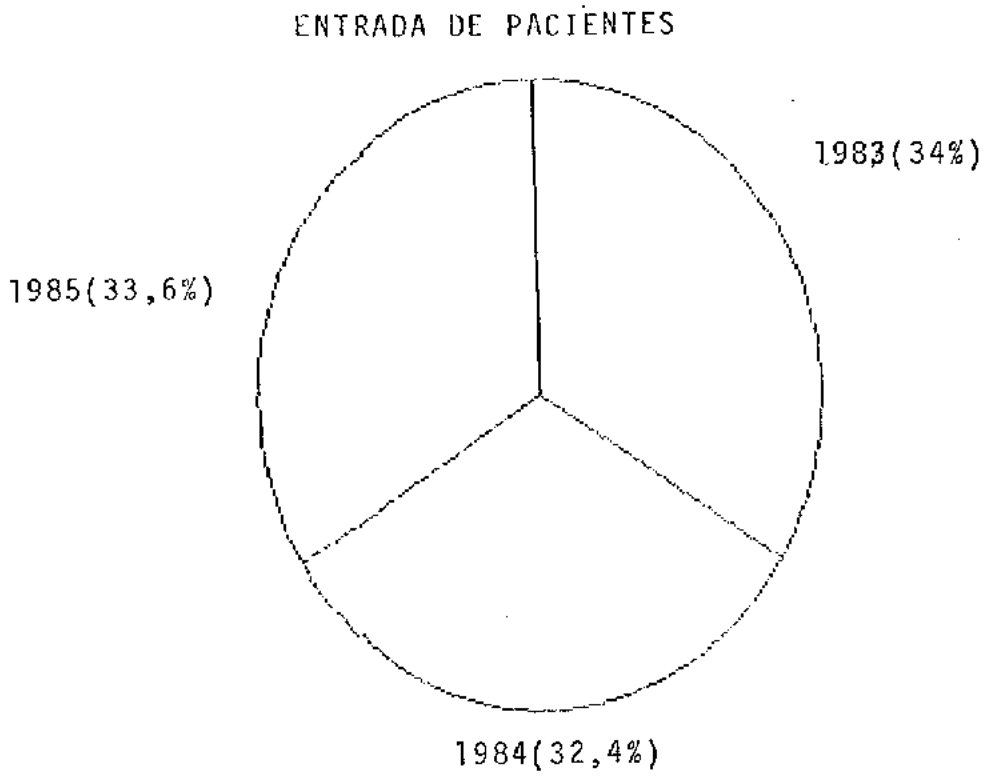
---

(1) O levantamento dessa amostra foi realizado aleatoriamente.

(2) Esta amostra se refere a pacientes com diagnóstico de psicose, neurose e alcoolismo.

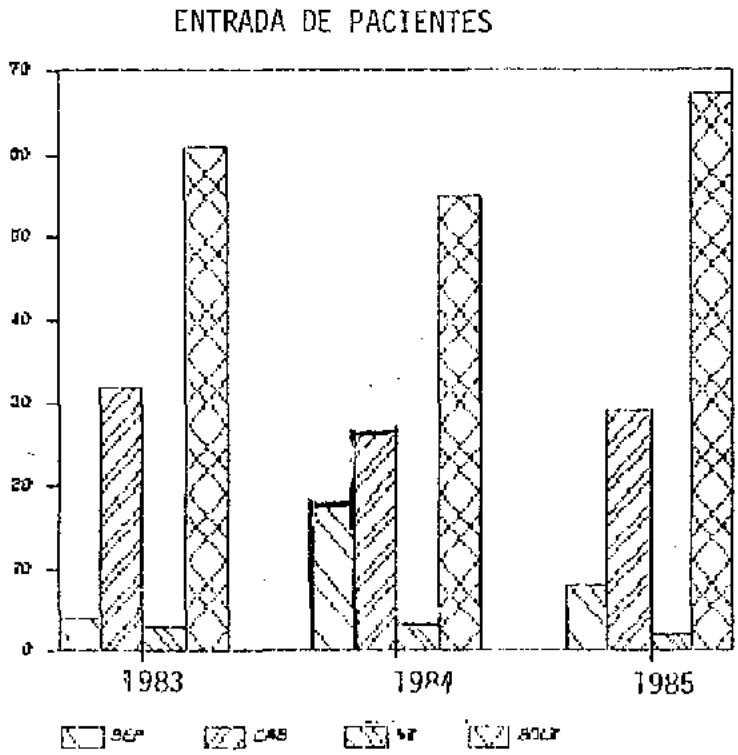
3.2.2.2-Análise dos Resultados

3.2.2.2.1- Distribuição de entradas de Pacientes na Instituição Psquiátrica nos anos de 1983, 1984 e 1985.



Pelo gráfico, observamos que as diferenças foram muito pequenas nos anos mencionados, na estatística de entrada de pacientes psiquiátricos e psicológicos na instituição.

3.2.2.2 - Distribuição de entradas de pacientes na Instituição Psiquiátrica segundo o estado civil:(3)



Em 1983, como indica o gráfico, deram entrada na Instituição Psiquiatrica cêrca de 61% de pacientes solteiros, 32% de pacientes casados, 4% de pacientes separados e 3% de pacientes viúvos. Em 1984, deu-se o mesmo fenômeno, tendo os pacientes solteiros o maior volume de entradas, isto é, cêrca de 55%; 26% de

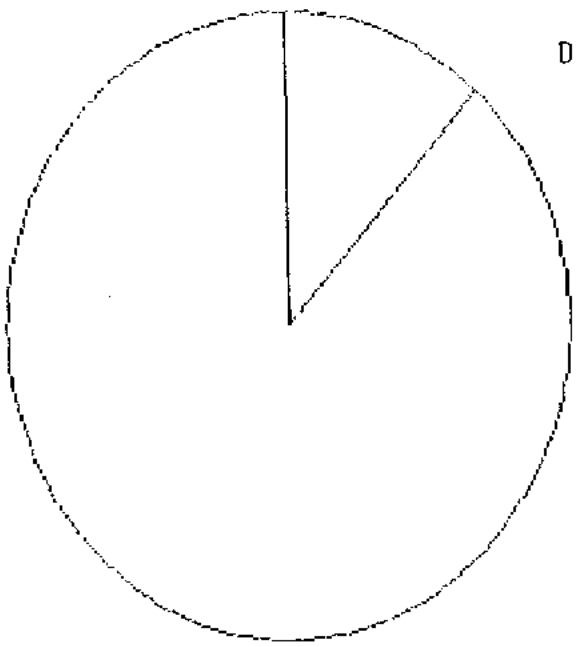
(3) O percentual de separados nesta pesquisa foi estabelecida em relação a população geral internada em 1982, 1983 e 1984. Este percentual provavelmente dobraria, se a relação fosse feita com a população de casados, o que não invalida os resultados.

pacientes casados, 16% de pacientes separados e, por último, 3% de pacientes viúvos. Em 1985, deu-se o mesmo processo, tendo à frente a grande gama de pacientes solteiros nas internações, com cêrca de 67%; os pacientes casados em 23%; os pacientes separados em 8%, e os viúvos em têrmos de 2%. Se somarmos os separados e os viúvos em função da sua identidade de perda, vamos encontrar em 1983 um aumento de cêrca de 7%, em 1984, de 23%, e, em 1985, cêrca de 10%.

Pelo presente gráfico, de 1983 para 1984 houve uma queda percentual de pacientes solteiros de 6%, e de 1984 para 1985, houve um aumento bem acentuado atingindo a 12%, portanto, o dobro da relação anterior. Em relação aos pacientes casados, de 1983 para 1984 não houve qualquer alteração, permanecendo o índice de internações em cêrca de 32%. Em relação aos pacientes separados houve de 1983 para 1984 um aumento de 14%, e de 1984 para 1985, uma diminuição de internações de cêrca de 10%. Com relação aos pacientes viúvos, de 1983 para 1984 houve um aumento de internações de 2%, e de 1984 para 1985, uma diminuição de 3%.

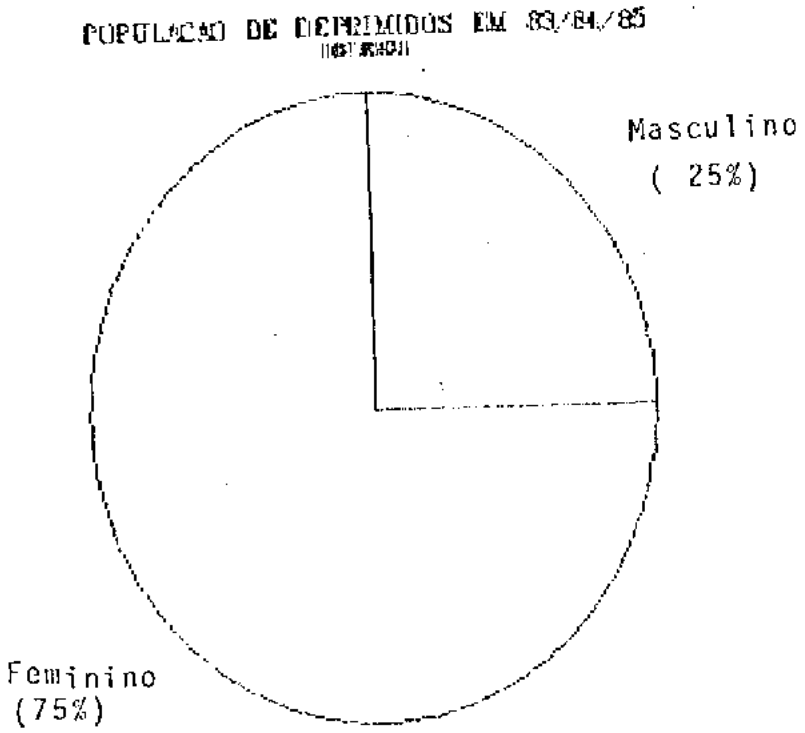
3.2.2.2.3- Distribuição da população de pacientes depressivos em relação à população geral:

POPULAÇÃO DE DEPRIMIDOS EM 1983/84/85



Portanto, da população de 374 pessoas, somente 11,8% foram diagnosticadas como pacientes depressivos e a restante , 88,2% com outros diagnósticos.

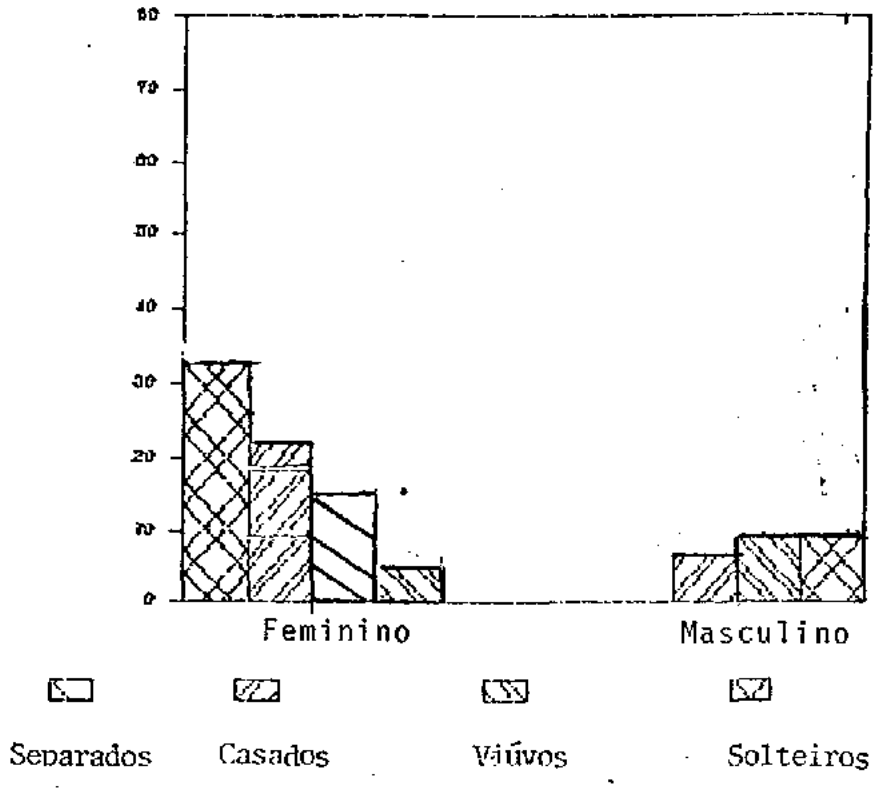
3.2.2.2.4- Distribuição da população de pacientes depressivos segundo o sexo:



Pelo gráfico constatamos que a mulher, nesta pesquisa, apresentou-se mais vulnerável ao estado de - pressivo, se enquadrando num percentual de 75% das internações para 25% dos homens.

5.2.2.2.5- Distribuição de pacientes depressivos segundo o sexo e o estado civil:

PACIENTES DEPRESSIVOS SEGUNDO SEXO E O ESTADO CIVIL



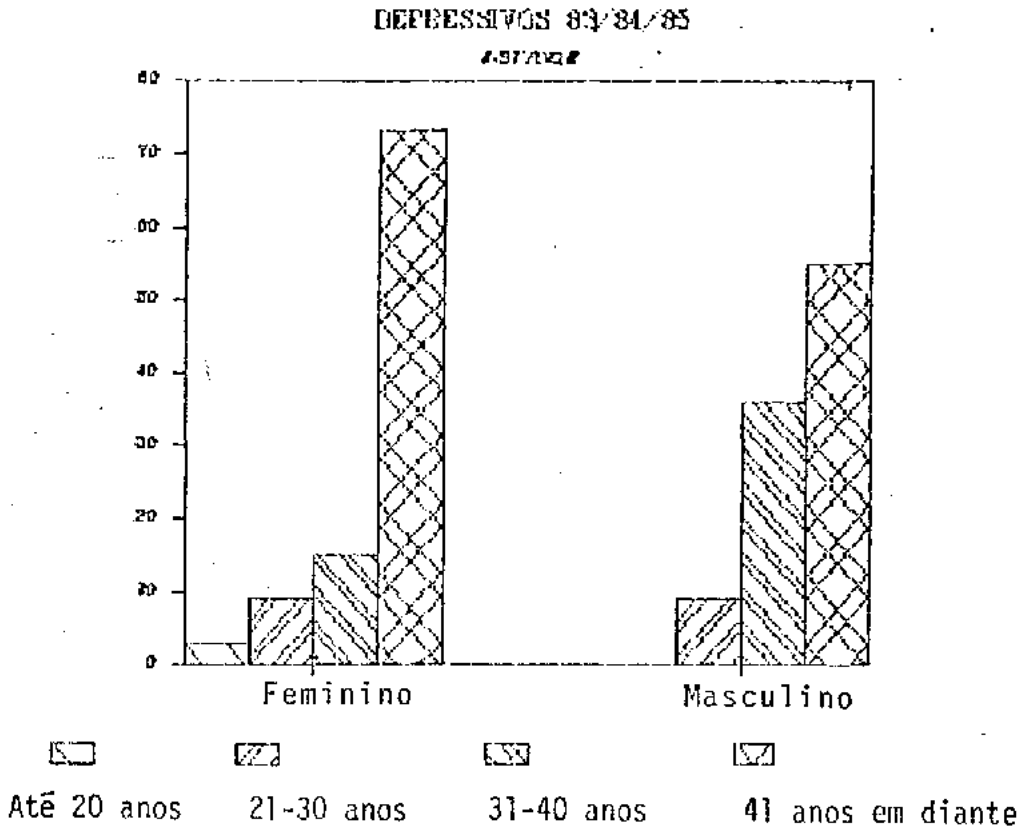
Da amostragem de 374 pessoas, cêrca de 11,8% foi diagnosticada como pacientes depressivos, já assinalado anteriormente. Segundo o sexo e o estado civil, assim ficou distribuído : cêrca de 32% eram de mulheres solteiras, 22% de mulheres casa -

das, 16% de mulheres separadas e 5% de viúvas. Com relação ao sexo masculino, evidenciou-se cêrca de 9% de homens solteiros e casados, 7% de homens separados e nenhum viúvo.

Por essa amostragem verificamos que a população de mulheres solteiras apresentou o maior número com diagnóstico de depressão (depressão reativa e endógena), sobrepujando os outros estados civis e, principalmente, o sexo masculino.

Assim, observamos com muita evidência que a população feminina apresenta uma vulnerabilidade muito grande na instalação do quadro depressivo. E de fato a depressão é mais comum entre as mulheres do que entre os homens segundo Silverman (1968).

3.2.2.2.6- Distribuição de pacientes depressivos segundo a idade:



Com relação à idade, constatamos no gráfico que as mulheres depressivas procuram a instituição psiquiátrica na faixa acima de 41 anos, situando-se em 73% da população de depressivos. Vem,em seguida, 15% de pacientes na faixa de idade de 31 a 40 anos, 9% na faixa de 21 a 30 anos, e, por fim,3% abaixo dos 20 anos de idade.

Em relação ao sexo masculino,55% de pacientes depressivos se internaram na faixa de idade acima dos 41 anos, 36% na faixa de idade de 31 a 40 anos, e 9% na faixa de 21 a 30 anos,e abaixo de 20 anos não houve qualquer incidência.

3.2.2.3- Conclusão

Alguns fatos se tornaram muito evidenciados nesta segunda pesquisa:

. Os pacientes solteiros, homens e mulheres, são os que mais buscam as instituições psiquiátricas.

. A ordem de procura das instituições psiquiátricas segundo o estado civil:

1.solteiros

2.casados

3.separados

4.viúvos

. O diagnóstico de depressão aparece numa base de 11,8% da população pesquisada.

. Da população de depressivos, as mulheres apresentam o maior contingente.

. As mulheres solteiras deprimidas prevalecem sobre os estados civis feminino e masculino.

. O maior número de pacientes depressivos, homens e mulheres procuram a instituição psiquiátrica numa faixa de idade acima de 41 anos.

. A estatística de entrada de pacientes na instituição psiquiátrica não apresentou diferenças significativas nos três anos pesquisados.

. Segundo a população de depressivos, prevaleceu a seguinte ordem:

1. solteiros
2. casados
3. separados
4. viúvos

Sendo essa população tanto para as mulheres quanto para os homens.

3.2.2.4- Interpretação das Pesquisas no Rio de Janeiro

Pela conclusão das duas pesquisas alguns aspectos se evidenciam:

. Os pacientes solteiros, homens e mulheres, são os que mais buscam as instituições psiquiátricas, seguidas de pacientes casados.

. O maior número de pacientes depressivos, homens e mulheres, procuram a instituição psiquiátrica numa faixa de idade acima dos 41 anos.

. A ordem de procura das instituições psiquiátricas segundo o estado civil, se dá da mesma forma nas duas pesquisas:

1. solteiros
2. casados
3. separados
4. viúvos

. A população de pacientes depressivos se aproxima nas duas pesquisas, 12,9% e 11,8% respectivamente.

. Existe um aumento de pacientes separados na busca das instituições psiquiátricas. Na primeira pesquisa um aumento progressivo e na segunda pesquisa um aumento não progressivo.

. Na primeira pesquisa prevalece o número de mulheres depressivas separadas nas internações e na segunda evidencia-se um maior número de mulheres depressivas solteiras.

. Da população de depressivos, as mulheres apresentam o maior contingente.

. A estatística de entrada de pacientes na instituição psiquiátrica não apresentou diferenças significativas nos três anos pesquisados.

. Nas duas pesquisas, na população de depressivos, a ordem segundo o estado civil tomam direções diferentes.

3.2.2.5- Análise Comparativa das nossas Pesquisas em relação as de outros países.

As nossas pesquisas em relação às de outros países vão coincidir ou não em certos aspectos.

A admissão em instituições psiquiátricas segundo o estado civil nas pesquisas estrangeiras se dá na seguinte ordem:

1. Separados ou divorciados
2. Solteiros
3. Viúvos
4. Casados

. Em nossa pesquisa no Rio de Janeiro, lideram, nesta

admissão, em primeiro lugar os solteiros, em segundo os casados, em terceiro os separados e por último os viúvos. Talvez uma pesquisa mais ampla, em nível de amostragem nacional, poderia ser mais semelhante aos resultados americanos e europeus.

. Os problemas psiquiátricos e psicológicos em nossa pesquisa atingiram mais a população de solteiros que a de separados, como encontrada nas pesquisas norte-americanas, diferindo, portanto, nesse estado civil.

.As mulheres depressivas separadas da nossa primeirapesquisa coincide com as pesquisas norte-americanas.

.As mulheres depressivas solteiras procuram a instituição psiquiátrica em maior número que os homens, diferindo das pesquisas americanas.

.Segundo algumas pesquisas americanas as mulheres são mais vulneráveis que os homens na instalação de quadros depressivos, o que coincide com as nossas pesquisas.

.Segundo a nossa pesquisa, o maior número de suicídios se dá mais na condição de solteiro, que em outros estados civis, não ocorrendo o mesmo nos Estados Unidos em relação a certas pesquisas.

.A ordem de hierarquia nas internações nas Instituições Psiquiátricas por alcoolismo em nossa pesquisa foi: casados, solteiros e por último separados e viúvos, o que contrasta com as pesquisas norte-americanas.

. O maior número de alcoolatras que foram admitidos nas instituições psiquiátricas se encontram numa faixa de idade abaixo de 50 anos segundo a nossa pesquisa, o que difere das pesquisas norte-americanas.

.Os solteiros e casados se suicidam mais que os separados e viúvos, o que contradizem as pesquisas norte-americanas.

. As pesquisas norte-americanas indicam que as pessoas mais velhas são mais vulneráveis ao suicídio. Comparando com a nossa pesquisa afirmamos que a partir de 45 anos os suicídios começam a decrescer.

. Nossos dados se assemelham com os da Suécia, em relação aos suicídios cometidos por pessoas solteiras.

. De um modo geral as causas do divórcio se assemelham na maioria dos países pesquisados, como por exemplo o alcoolismo, adultério, incompatibilidade de gênios, problemas econômicos, perda de sentimento de amor.

. Os homens se suicidam mais que as mulheres, o que coincide com as pesquisas norte-americanas.

. Podemos confirmar que os suicídios ocorrem da mesma forma que se dá a admissão nas instituições psiquiátricas, diferindo das pesquisas norte-americanas:

1. Solteiros
2. Casados
3. Separados
4. Viúvos

Os nossos estudos coincidem com os de Durkheim (op.cit.) com relação a vulnerabilidade dos homens solteiros quanto ao cometimento de suicídio.

. Tanto os homens quanto as mulheres tentam e cometem o suicídio, geralmente em torno da faixa de 25 a 44 anos, vindo em seguida a faixa de 15 a 24 anos.

4 - O LUTO, A DEPRESSÃO, O SUICÍDIO E O DIVÓRCIO

4.1 - O Luto e a Depressão

A depressão reativa é um fenômeno afetivo-emocional que se manifesta, necessariamente, na maioria das situações de perda. Numa situação de perda como o divórcio, separação ou viuvez, a pessoa sofre a modificação existencial da sua relação com a outra pessoa - a ausência física e psicológica é sentida em função dos hábitos formados pelo tempo de convivência.

O luto por morte e por separação se confunde na sua expressão comportamental. Fenomenologicamente não há diferença. A depressão como qualidade de perda é expressada de várias formas, mas inconfundível quando observada.

A fenomenologia do luto por morte, Lindemann (1944) descreveu, segundo suas observações clínicas, como um fenômeno de curso previsível e sintomas bem distintos: tensão somática, preocupação com a imagem do morto, culpa, hostilidade e perda usual de certos padrões de conduta e, até mesmo, em casos de imitação do morto, em maneirismos e sintomas associados com a sua doença.

Como ocorre na perda por morte, o luto por separação ou divórcio é um processo não linear. A maioria dos observadores falam do conjunto de reações ou fases do luto que se alteram com o tempo. Os clínicos concordam que existe uma variação substancial nos comportamentos individuais nas manifestações de luto e a velocidade com que as pessoas transitam nesse processo. Isto dependerá hipoteticamente do tipo de personalidade,

temperamento, educação social e, sobretudo, do neuroticismo[1] individual ou mesmo da própria neurose.

As respostas de natureza afetivo-emocional e cognitiva se interrelacionam de tal forma, produzindo maior ou menor intensidade nas manifestações comportamentais da depressão.

Por exemplo, é muito comum um membro do casal entrar em "luto" mesmo antes da separação física em função do mal relacionamento no tempo. Quando isso ocorre as consequências afetivo-emocionais e cognitivas da separação podem ser melhor estruturadas, adaptando a pessoa ou a ambas a nova situação de vida.

O psiquiatra australiano RAPHAEL (1977, 1983) descreve a pessoa que perdeu um ente querido:

> "A ausência da pessoa morta é sentida em qualquer lugar. O ambiente de casa parece cheio de recordações dolorosas. A tristeza envolve o enlutado em ondas de tensões. Mantém-se uma intensa saudade. A pessoa sente um grande vazio por dentro, como se tivesse arrancado algo de dentro dele".

A perda por separação envolve os mesmos sentimentos e percepções.

Segundo os pesquisadores clínicos, o comportamento de procura se intensifica muito nesta fase. Manifestam-se alucinações, sonhos, ilusões e outras falsas percepções em relação ao outro. O não retorno, do outro conjuge, faz com que esses comportamentos provavelmente diminuam com o tempo e a pessoa comece a perder suas esperanças. O que não ocorre quando a perda é por separação. Há sempre uma espectativa de retorno. Sintomas como de

(1) Herança Biológica.

depressão, transtorno de atenção e concentração, raiva, culpa, irritabilidade, ansiedade, desamparo ou extrema tristeza tornam-se muito comuns. Frequentemente, atitudes de conforto e suporte emocional são rejeitados.

Segundo BONKOWSKI e al (1979), existe uma diferença qualitativa entre a perda por morte e perda por separação. Primeiro as reações sociais são diferentes e segundo é provável haver contatos futuros com o ex-cônjuge. A perda de uma esposa por morte resulta num luto não só pela morte física, mas, também, de um estilo de vida. No divórcio existe a perda de um ideal, perda de auto-confiança e perda da confiança no outro. Todas estas perdas envolvem um tipo de luto.

Segundo a autora, muitos sentimentos são vivenciados pelos divorciados como raiva de si próprio e do ex-cônjuge, solidão, auto-piedade, confusão sobre o que foi de errado, ansiedade acerca das novas formas de aprendizagem, muitas dúvidas, medo de perder a razão, culpa, tristeza e esperança de futuro. Ainda, este luto pode passar por um período de promiscuidade, enquanto o enlutado procura reganhar a validade sexual. É usualmente um período temporário, mas pode alarmar a pessoa naquele momento.

O sentimento de perda individual pode flutuar rapidamente de um estado para um outro. A evitação das lembranças do "finado" pode alternar com o cultivo de sua memória por algum tempo. Na perda por separação, a ilusão e a fantasia do retorno da pessoa amada interfere muito na reestruturação da perda.

A autora afirma, ainda, que a experiência afetivo-emocional e cognitiva envolve de tal maneira a pessoa, que se tornam evidenciadas as mudanças comportamentais interpessoais, sexuais, queixas físicas que se apresentam como situações nun-

ca vividas antes, sendo inteiramente novas para elá.

As mudanças comportamentais são bem visíveis como o sentimento de astenia com alternativas de agitação, desamparo e aumento da atividade motora nos seus estágios iniciais. O choro e choramingos são bastante comuns. A pessoa enlutada perde muito dos seus interesses externos como a desistência de atividadesprazeirozas como comer, ver TV, ir ao cinema, praticar esportes, namorar e relações sociais. Em contraste há um desordenado uso do fumo e do alcool, normalmente em pessoas que já tenham o hábito. O sentimento de saúde é desprezado e autodestruição ativada. É comum em certos indivíduos o abuso das drogas e atividades perigosas, com risco até da própria vida e o suicídio é uma realidade que tem aumentado muito, principalmente entre os homens. É o mesmo processo pode ocorrer com as pessoas que se separam ou se divorciam. (BONKOWSKI e al op cit).

Um novo e amplo estudo realizado na Finlândia (Jornal do Brasil, 1987), confirma a teoria de que a tristeza que muitas pessoas sentem após a morte de conjuges, filhos, parentes ou amigos muito chegados, pode levar à morte. Na pesquisa foi examinada mais de 95 mil pessoas que haviam enviuvado e foi descoberto que a taxa de mortalidade durante o primeiro ano após a morte do marido (ou da mulher) era duas vezes maior do que seria de se esperar para algumas causas específicas, como, por exemplo, ataque cardíaco ou suicídio.

Esse foi o maior estudo já realizado para documentar taxas de mortalidade mais elevadas que o normal entre pessoas que perdem entes queridos e confirma estudos realizados em numerosos países e em muitas culturas diferentes. "Esse tipo de tris

teza é comum em todas as culturas e com ela podem surgir efeitos prejudiciais à saúde", disseram os pesquisadores da Universidade de Helsinque, que realizaram o estudo.

O trabalho, publicado no último número do Journal of Public Health, (Jornal do Brasil, 1987) dos Estados Unidos, descobriu que a taxa de ataques cardíacos entre homens cujas mulheres morreram uma semana antes era 2,3 vezes maior do que o normal. Para mulheres que tinham enviuvado há menos de uma semana, a taxa de ataques de coração era 3 5 vezes maior que o normal.

Depois de um mês, estas taxas se nivelavam e retornavam aos níveis normais, exceto entre homens na faixa de 65 anos. Para estes, uma probabilidade maior do que o normal de ataques cardíacos persistia por mais de um ano, depois da morte das mulheres.

Segundo o médico Kaprio, que chefiou o estudo, essa mortalidade, durante os primeiros meses de viuvez, pode ser causada pelas mudanças hormonais que a tristeza provoca no organismo, o que torna a pessoa mais vulnerável aos ataques do coração e outras doenças, inclusive o câncer. Além disso, diz Kaprio, o estresse pode reduzir a resistência do organismo às infecções.

Outras mudanças ocorrem como na auto-percepção e como também a pessoa é percebida pelos outros. A percepção de ter se tornado viúva, separada ou divorciada pode desencadear estereótipos ou expectativas, em relação à pessoa. Estas mudanças são também influenciadas pelo amplo contexto sócio-cultural no qual as pessoas vivem e como também sua própria idade. O iso

lamento social e sentimentos de vazio ou solidão são comuns e frequentemente duradouro. A resistência ao reforçamento positivo social se torna uma realidade (Solsberry e al.).

BOHANNAN (1970) afirma que o processo de separação envolve muitas mudanças básicas e dentre estas assinala:

1 - Emocional
2 - Legal
3 - Econômica
4 - Copaternidade
5 - Comunidade
6 - Psíquica

Não é fácil para os seres humanos, em geral, passar por estas mudanças sem pagar altos juros emocionais. A rapidez com que se dá as mudanças pode levar o indivíduo a uma completa e dolorosa desestruturação psicológica. É um problema de adaptação biopsicosocial a curto prazo.

As queixas físicas podem predominar em certas pessoas como dores físicas, distúrbio gastro-intestinal, sintomas neuro-vegetativos onde se sinaliza a presença da desordem depressiva como o distúrbio do sono, da anorexia e perda da energia física. Estas queixas físicas desaparecem quando a perda é resolvida.

MALDONADO (1986) relata em sua pesquisa como os sentimentos se manifestam quando ocorre a separação ou divórcio, segundo os depoimentos das pessoas entrevistadas:

"No turbilhão emocional vem tudo junto, tudo misturado: perplexidade, euforia, depressão, atordoamento, embotamento, confusão, desorganização da conduta, distúrbios do sono,

do apetite, dos ritmos vitais. É o processo típico das crises existenciais - a desorganização e o caos para depois encontrar a reorganização em novo nível. É a "loucura normal".

Sentimentos, emoções, sensações chegam em avalanche, "é muita coisa junta, às vezes nem consigo acompanhar a velocidade de tudo que sinto". Comumente o turbilhão emocional resulta em perda de peso, tensão manifesta em problemas gástricos (dores de estômago, dificuldades digestivas e de funcionamento intestinal), dentários (inflamação das gengivas, às vezes em decorrência de dormir com os dentes cerrados), sudorese, palpitações. Há maior suscetibilidade a doenças em geral, uma vez que a pessoa está mais vulnerável. A vivência da perda do parceiro tende a ativar outras vivências anteriores de amores ou de pessoas queridas "ficava chorando, sentindo a falta dele e de tanta gente. Chorei por tantas outras coisas que estavam acumuladas".

As vezes, sentia uma euforia incrível, o gosto da liberdade, a sensação de me pertencer; no momento seguinte, uma depressão enorme, a sensação de estar despedaçado, desnorteado, sem rumo na vida, sem saber o que querer e o que escolher como se estivesse perdido os pontos de referência. Os sentimentos ficam mais intensos; fiquei mais exposto à dor e ao prazer, à alegria e à tristeza. Mas é melhor do que viver no morno, no tédio, embotado como se estivesse meio anestesiado". É intensa a mobilização emocional pós-separação; a pessoa está diante do medo, da incerteza, da insegurança que caracterizam a mudança de aspectos importantes da identidade. São comuns as atitudes irracionais, ilógicas, impulsivas e intempestivas.

Com o tempo as pessoas, geralmente, passam de um estado

de descrença a uma aceitação gradual da realidade da perda, embora a progressão não seja linear. Embora duas pessoas de "luto" não sejam iguais, a depressão e as oscilações emocionais são características da maioria das pessoas que se encontram nesta condição. Pelo menos por alguns meses, e, frequentemente por mais de um ano, as pessoas sofrem a perda.

Segundo WEISS (1975), os trabalhos realizados com grupos de separados no "Laboratório de Psiquiatria da Comunidade" denominado "seminário para separados", diversos participantes relataram que, embora seus casamentos tenham sido infelizes, contemplaram o seu fim com muita ansiedade e até mesmo com muito horror. Outros afirmaram uma grande necessidade de estabelecer contacto com o outro cônjuge. A maioria deles continua a sentir atração pela esposa mesmo já estando em outra relação.

Afirma, ainda, o autor que a perda do afeto pode ser visto como a causa primeira do "stresse da separação", síndrome já descrita por Parkes (1972, Apud Weiss). A reação de alarme é muito manifesta: - alto nível de alerta, sentimentos de medo, pânico, insônia, anorexia e aspectos bem acentuados de depressão.

A perda do afeto pode dar lugar à raiva. No luto por morte o objeto da raiva não é muito claro, embora algumas vez é dirigida a médicos e mais raramente para o morto ou para si próprio. Na separação ao contrário, o cônjuge é ordinariamente visto como responsável pela separação, mormente quando tomou a iniciativa e recusou qualquer apelo para reconciliação. A raiva dirigida ao outro pode ser de grande intensidade. Ocasionalmente pode ocorrer fantasias de homicídios. Frequentemente é possível descrever a expressão de hostilidade como uma

tentativa de manter a proximidade. As brigas por propriedade, dinheiro, custódia dos filhos, parecem algumas vezes, ter um propósito de manter vivo o relacionamento através das transfusões de hostilidades.

Relata WEISS (op.cit.) que as respostas emocionais da separação conjugal se manifestam de forma paradoxal. Os indivíduos que foram abandonados podem ficar desolados na ausência de outro. Outros que dividiram igualmente sua decisão de separar-se podem alternar entre "profunda depressão acompanhada pelo enfraquecimento da auto-estima" ou por uma euforia acompanhada de uma grande confiança, o que seriam sentimentos temporários.

Com o tempo eles entram na fase de "resolução" ou de organização e o "enlutado" é capaz de se lembrar da pessoa amada sem se prostrar pela tristeza ou outras emoções e voltar a reinvestir no mundo.

O tempo é considerado uma das maiores dimensões para a solução da depressão. O indivíduo com o tempo é levado a recuperar certas funções perdidas, incluindo o investimento na vida corrente, maior esperança no futuro e a capacidade de experimentar gratificações. É levado a adaptação para novos papéis e status e a terminação do sentimento agudo da perda. Relatos clínicos confirmam que o processo depressivo pode ser atenuado num tempo mais curto para certas pessoas ao contrário da crença popular que essa mudança só se opera após um ano de sofrimento. Não é a duração do tempo que distingue o "luto normal do anormal" mas, a qualidade e a quantidade de reações no tempo, como afirmam Solsberry e al .

Muitos observadores e clínicos tem encontrado grande variação nos modos como as pessoas enfrentam o luto e se adaptam. Uma consequência saudável para uma pessoa pode ser diferente de uma resolução adequada para uma outra.

POLLOCK (1982, Apud, Solsberry e al) estudou a vida e os trabalhos de muitos artistas e cientistas. Concluíu que o sucesso da terminação de luto pode resultar em grande aumento de criatividade. Em outras pessoas novos relacionamentos ou satisfações podem ocorrer após o processo.

Muito semelhante ao luto por morte, no divórcio e separação, os "enlutados" podem permanecer longo tempo em sofrimento, outros o processo vem muito tempo depois e em alguns está até ausente.

Os trabalhos epidemiológicos de CLAYTON E DARVISH (1979) dão uma medida de frequência das reações prolongadas ou crônicas do luto. A excessiva raiva, culpa, auto-vergonha ou depressão duram mais tempo nos lutos prolongados. Alguns estudiosos afirmam que o luto até de um ano já será um "luto patologico".

BOWBY (1980) reporta que a pessoa enlutada pode parecer estar enfrentando o problema sem perturbação, mas existem sinais que mostram o contrário, como lembrar da pessoa amada com evidentes reações de ansiedade ou mesmo evitar qualquer lembrança ou nomeação do fato ocorrido.

HOROWITZ (1979,1982, Apud Solsberry e al) afirma que a negação é uma forma de enfrentar o problema, que pode ser útil temporariamente. Encontrou que a negação pode ser adaptativa na redução do medo e no trânsito das decisões, capacitando

o indivíduo a sentir-se menos perturbado.

VOLKAN (1966, Apud Solsberry e al) tem observado que quando pacientes não manifestam abertamente as suas condições emocionais de perda, frequentemente aparecem em consultórios clínicos com manifestações de sintomatologias físicas, o que ele denominaria de "equivalentes depressivos", ou mesmo de somatização dos processos emocionais, conceito, hoje, usado largamente no campo da psicoterapia.

O luto retardado implicaria num longo período de ausência dos problemas do luto - meses ou até anos. Alguns clínicos o conceitualizam como uma resposta incomum e até mesmo diagnosticada como um novo episódio de desordem afetiva.

4.2 - Teorias Cognitiva e Comportamental da Depressão

Dentre as teorias cognitivas ressaltamos vários nomes como D.Meichembaun, Bech, Ellis, D'zurilla, Goldfried no entendimento e explicação dos processos psicológicos, especificamente a depressão. O modelo preconizado por BECK e al (1979) enfatiza a ligação entre o pensamento distorcido e a psicopatologia, i.e. , a relação entre o pensamento perturbado e os sentimentos disfóricos.

Os psicoterapeutas cognitivos não tem explicitamente delineado os processos psicológicos específicos do luto, tanto na perda por morte como no divórcio e separação, embora o modelo cognitivo de depressão de BECK possa ser aplicado às

reações patológicas do luto. De acordo com ele a estrutura psicológica das pessoas é baseada na forma como elas estruturam o seu mundo. Por exemplo, as pessoas que experienciam episódios de depressão clínica portam percepções negativas de si próprias, seus futuros e suas experiências. Podemos deduzir, então, que o luto pode instigar uma cadeia de pensamento negativos podendo intensificar ou prolongar o sofrimento do luto das pessoas que já tem uma tendência pré-mórbida de se verem e ao mundo de uma forma negativa.

Segundo GAUTHIER e MARSHALL (1977, Apud SOLSBERRY e al) as pessoas que procuram evitar os pensamentos sobre o morto não só podem desenvolver um estado de ansiedade permanente como também, por medo de perder o controle emocional, intensificar seu estresse ou perturbações em torno dos pensamentos não estruturados e resolvidos. Segundo a teoria bifatorial de evitação condicionada de Mowrer (1980) a fuga ou a evitação de situações estressantes reforçam a manutenção dos problemas existentes, sejam que natureza forem.

BECK (1979) encontrou 10 estudos em que comparava a terapia cognitiva com a terapia comportamental e a combinação das duas no tratamento de depressão. A conclusão foi que o tratamento aplicado foi de alta eficácia nas mudanças cognitivas e comportamentais, reduzindo e aliviando o problema da depressão.

Os comportamentistas consideram a depressão como parte do luto, sendo assim, a sua explicação teórica e intervenção será sobre o fenômeno emergente.

Algumas teorias comportamentais da depressão, nas

suas identidades funcionais podem servir de modelos de explicação deste fenômeno como consequencia dos rompimentos conjugais.

Os fenômenos afetivos da depressão e da raiva tornam-se pontos comuns nos problemas do divórcio, separação e viuvez. Resultantes como suicídio e homicídio não são raros, aparecem nas cenas cotidianas das sociedades modernas.

Segundo as formulações teóricas comportamentais encontradas na teoria da aprendizagem, o fenômeno da depressão é definido como uma consequência das contingências de reforçamento no qual o comportamento individual é uma função. Mais particularmente, a pessoa deprimida se encontra num processo de tentativas de extinção de comportamentos (Lazarus, 1968, Apud Eastman). Primeiro dado está na frequência do comportamento, e não na sua topografia (Ferster, 1973). Assim, a análise funcional da depressão do indivíduo envolve o profundo exame dos estímulos físicos e sociais nos campos nos quais ele opera (Kanfer e Saslow, 1968, Apud e Eastman).

Segundo, Eastman (1976), a depressão é uma síndrome que inclui pelo menos uma redução na frequência dos comportamentos de exploração de metas associadas aos estados afetivos negativos.

Portanto, a depressão é uma função do reforçamento inadequado, envolvendo duas grandes variáveis:

1 - Redução do reforçamento

2 - Redução da frequência de reforçamento social

Lazarus (op.cit.) apresenta três formulações so - bre à depressão.

(a) A depressão é uma consequência da ansiedade intensa e prolongada (ansiedade vista como uma resposta à estímu - los nóxiosos e ameaçantes).

(b) A depressão pode estar relacionada com uma função de reforçadores inadequados ou insuficientes.

(c) No contexto da Psicoterapia, os pacientes deprimidos necessitam aprender um meio de reconhecer e utilizar outros reforçadores à sua disposição.

Lewinsohn e outros (1969, 1970, 1973, 1974, Apud Eastman) desenvolve a tese que a depressão é resultante da redução da taxa de reforçamento social.

Costello (1972, Apud Eastman) propõe que a perda de interesse geral da pessoa deprimida no ambiente é uma função da perda geral da efetividade do reforçador.

Dois antecedentes são sugeridos:

(a) Mudança endógenas bioquímicas e neurofisiológicas.

(b) Disrupção da cadeia do comportamento, i e, a perda de um reforçador naquela cadeia.

Sugere que a efetividade do reforçador de todos os componentes da cadeia é contingente a cadeia completa

em nível aberto e coberto de resposta.

Presumivelmente, afirma Costello (op.cit), que a cadeia do comportamento se tornará outra vez efetiva com a reestruturação das interdependencias - estímulos, respostas e reforçadores, isto é, a continuidade da cadeia de comportamentos reforçadores.

Reafirma que a "perda da efetividade do reforçador" é o mecanismo subjacente fundamental para a explicação da depressão.

Seligman (1972, 1973,1975, Apud Eastman) acentua que o desamparo aprendido e depressão reativa (neurótica) tem em comum a crença em seu próprio desamparo e estabelece o "desamparo aprendido" como um modelo da depressão.

Ferster (1965, 1966, 1973, Apud Eastman) enfatiza a "perda do comportamento reforçável como responsável pela depressão. Esta perda é entendida como a redução na frequência do comportamento reforçável. Menciona três condições de laboratório que reduz a frequência do comportamento:

(a) Um ambiente que pode ser alterado somente por uma emissão de grande quantidade de comportamento.

(b) A presença do estímulo aversivo, especialmente o estímulo aversivo condicionado.

(c) Uma grande mudança repentina do ambiente (o estímulo do controle do comportamento é perdido).

Ferster (op.cit), numa análise funcional da depressão apresenta duas grandes classes de circustâncias que poderia de

sencadear uma perda do comportamento reforçável no homem:

(a) comportamentos aversivamente motivados, tornando-se prevalentes e deslocando os comportamentos reforçáveis como resultante dos comportamentos de fuga e evitação.

(b) direta redução da frequência do comportamento reforçável por meio de processos básicos tais como:

b.1 - apresentação errática de reforçadores

b.2 - reforçamento utilizado inapropriadamente no tempo

b.3 - mudanças súbitas no ambiente

b.4 - raiva suprimida e generalizada levando a perda do reforçamento social.

Wolpe (1972) discute três conjuntos de circunstâncias nos quais a depressão é percebida.

(a) como uma consequência de severa e prolongada ansiedade

(b) como um exagero e prolongamento da reação normal de perda

(c) como uma consequência do fracasso em controlar situações interpessoais(fracassos devidos aos efeitos da ansiedade neurótica).

Moss e Boren (1972) indicam quatro parâmetros interrelacionados ao reforçamento.

(a) frequência

(b) duração

(c) magnitude

(d) custo de respostas

A depressão segundo os autores é uma consequência de um "insuficiente reforçamento positivo". Como

os indivíduos diferem entre si em termos de temperamento e personalidade como também no tipo de experiência psico-afetiva, esses parâmetros servem de base para o entendimento do fenômeno em pauta.

Os autores notaram que o "afastamento de um reforçador positivo envolve dois parâmetros interrelacionados: tempo e duração (permanente, prolongado ou breve afastamento) e contingência (se o afastamento é contingente ao comportamento).

Os autores identificam dois meios típicos nos quais o controle aversivo está associado com o comportamento depressivo:

(a) Diretamente, onde o evento aversivo leva à redução do reforçamento positivo.

(b) Indiretamente, onde a punição, evitação ou fuga podem suprimir comportamentos que teriam sido seguidos por reforçamento positivo.

A depressão explicada pelas teorias acima esboçadas vem nos dar um entendimento muito claro como uma perda afetiva por morte ou separação pode levar as pessoas a um estado de perturbação psicológica e social.

Podemos reunir uma série de aspectos teóricos que são comuns a todas as teorias apresentadas:

1 - redução do reforçamento positivo

2 - ansiedade intensa e prolongada

3 - reforçadores inadequados e insuficientes

4 - o não conhecimento e utilização dos reforçadores

5 - redução da taxa de reforçamento social

6 - perda geral da efetividade do reforçador

7 - mudanças endógenas bioquímicas e neurofisiológicas

8 - disrupção da cadeia de comportamentos, i.e., a perda de um reforçador naquela cadeia

9 - desamparo aprendido

10 - perda do comportamento reforçável

11 - exagero e prolongamento da reação normal da perda

12 - fracasso no controle das situações interpessoais

13 - a situação aversiva devida a redução do reforçamento positivo

14 - a punição, a evitação e a fuga podem suprimir comportamentos que teriam sido seguidos por reforçamento positivo

O luto por perda afetiva ou por morte de um companheiro, parente ou uma pessoa muito amada, se enquadra perfeitamente na perda de um reforçador que é um estímulo que mantém a força da motivação comportamental. Na perda ou na redução do amor de uma pessoa para a outra, necessariamente, ocorre um sentimento de perda de um reforçador poderoso que é a afeição própria dos seres humanos. Os distúrbios bioquímicos e neurofisiológicos, i.e., a ação adrenérgica com a mobilização das supra renais, sistema límbico e sistema nervoso autônomo simpático ensejam a manifestação dos estados ansiogênicos. Este fenômeno emocional intenso e prolongado resulta, explicitamente, no quadro depressivo.

O deprimido por perda tem, ainda, dificuldade na substituição do reforçador perdido. No caso da perda afetiva, o aparecimento de mulheres lindas ou mesmo de homens elegantes são reforçadores inadequados e insuficientes para preencherem aquele

vazio sofredor. O próprio não reconhecimento ou a utilização desses reforçadores é uma consequência do estado desmotivacional em que se encontra aquele organismo. Como consequência da resistência perene aos estímulos reforçadores, a taxa de reforçamento social é grandemente diminuída. O deprimido pela evitação e fuga suprime os comportamentos que podem ser seguidos de reforçamento positivo. Sua dificuldade em controlar as situações interpessoais, especificamente as afetivas, leva o parceiro a subtração dos reforçadores gerais que os indivíduos se alimentam na sociedade moderna. A situação de perda, vivida e sentida como punição, reduz a vítima a toda e qualquer recepção de reforçadores. A mudança súbita do ambiente provocada por uma perda afetiva ou por morte leva a um estado de perturbação emocional. Esta situação ocorre inesperadamente. A pessoa é surpreendida com o fato. Ela nunca poderia imaginar que o marido ou a esposa pudesse ir embora ou mesmo morresse. Muitas vezes a depressão se instala muito depois do fato ocorrido. Temos, pois, uma depressão retardada e dependendo da significação da perda,da intensidade e duração emocional, o indivíduo pode entrar num estado considerado de impotência de vontade, resultando no desamparo aprendido. A pessoa se sente sem qualquer condição psicológica para se comportar ou manifestar desejos. Mantém-se num permanente comportamento abúlico. Enfim, não tem condições emocionais de suplantar aquela carga tão pesada e isustentável da não reação.

4.3 - SUICÍDIO

4.3.1 - A Visão de E. DURKHEIM

As consequências da depressão por perda podem resultar em consequências muito graves para os indivíduos, principalmente no que concerne ao suicídio. Um dos estudos mais notáveis e considerado um clássico se refere a DURKHEIM (1969), quando ele trata em sua obra "o suicídio", o capítulo "o suicídio anômico".

Ele afirma que a sociedade não é apenas um objeto que suscita com intensidade desigual os sentimentos e atividades dos indivíduos. É também um poder que os regula. Há uma relação entre a maneira pela qual se exerce essa ação reguladora e a taxa social dos indivíduos.

Tudo que possa concorrer para a perturbação da ordem coletiva e mesmo individual ele a conceitua como anomia. Sociologicamente considera que uma anomia econômica ou mesmo uma anomia doméstica pode engendrar o fenômeno do suicídio.

Na viuvez, como na separação e divórcio, produz-se uma desorganização total da família. Gera no conjuge enlutado um estado de depressão. Não havendo controle e adaptação às novas circustâncias, ele poderá por fim a vida. Não podemos deixar de registrar que esse grupo mais sensível ao suicídio anômico merece a nossa maior atenção e servirá de base para aclarar com mais nitidez a natureza e as funções do casamento.

DURKHEIM (op.cit.) descreve o casamento como uma regu

lamentação das relações dos sexos, que se extende não apenas aos instintos físicos que esse trato põe em jogo, mas ainda aos sentimentos de toda espécie que a civilização aos poucos enxertou na base dos desejos materiais. Porque o amor é, entre os homens, um fato muito mais mental do que orgânico. O que o homem procura na mulher não é tão somente a satisfação do desejo genésico. É verdade que esse pendor natural foi o germe de toda a evolução sexual, mas, paulatinamente, requintou-se de sentimentos estéticos e morais, numerosos e variados, e hoje não passa de um elemento menor do processo total e denso que gerou. No convívio com esses elementos intelectuais, por sua vez, libertou-se em parte do corpo e com que se intelectualizou. Razões morais o suscitam tanto quanto exigências físicas. Já não tem mais a periodicidade regular e automática que apresenta os animais. Qualquer excitação psíquica pode a qualquer momento despertá-lo: ele não distingue as estações do ano. Todavia, precisamente porque essas diversas inclinações, assim transformadas, não estão diretamente situadas sob a dependência das necessidades orgânicas, é lhes indispensáveis uma regulamentação social. Por não haver no organismo nada que as contenha, impõe-se que sejam contidas pela sociedade. Essa é a função do casamento. Ele regula toda essa vida de sentimentos e o casamento monogânico mais do que qualquer outro, porque ao forçar o homem a se unir a uma só mulher, sempre a mesma, atribui à necessidade de amar um objeto rigorosamente definido e fecha o horizonte.

Essa determinação constitui o estado de equilíbrio moral que aproveita ao homem casado. Porque não pode, sob pena

de faltar aos seus deveres, procurar outras satisfações além das que lhe são explicitas, o homem casado a elas restringe os seus desejos. A salutar disciplina a que está sujeito impõe-lhe um dever de encontrar a felicidade na sua condição e, por isso mesmo, lhe fornece os meios. De resto, se a sua paixão se vê forçada a não variar, o objeto a que está fixada não lhe pode faltar: porque a obrigação é recíproca. Se os seus prazeres são definidos e assegurados, essa certeza consolida a sua base mental.

Nos Annals de Demographie International, BERTILLON (1892 apud DURKHEIM) publicou um excelente trabalho sobre o divórcio, no qual demonstrou que em toda a Europa o número de suicídios variava na razão dos divórcios e separação de corpos. Admitiu que o fator básico estaria no indivíduo e no seu desequilíbrio psicológico. DURKHEIM (op.cit.) afirmava que o suicídio não estava simplesmente na predisposição orgânica das pessoas mas principalmente na natureza intrínseca do divórcio. Como sociólogo, o autor se pronunciaria mais ao social que individual. Tudo indica que a mudança do regime moral e material consequente do divórcio levaria seus participantes a uma anomia individual e, dependendo da sua estrutura emocional adaptativa ou desadaptativa, o resultado poderia ser melancólico ou não.

Conclui DURKHEIM (op.cit.):

1 - as pessoas casadas devem ter nos países onde os divórcios são numerosos, menor imunidade contra o suicídio que nos países onde o casamento é indissolúvel

2 - do ponto de vista do suicídio, o casamento favorece a mu-

lher na razão direta do divórcio e reciprocamente.

3 - é no estado do casamento e não na constituição da família que se acha a causa do fenômeno em estudo.

4 - a própria instituição do divórcio induz ao suicídio, pela influência que exerce sobre o casamento e não as desarmonias ou querelas conjugais, como muitos autores admitiam. Se fora esse o caso, o número de suicídios do homem e da mulher seriam aproximados ou iguais. E no homem é maior.

5 - a incerteza do futuro para o celibatário juntamente com a sua própria indeterminação, condena-o, pois, a uma perpetua mobilidade. De tudo isso, resulta um estado de perturbação, de agitação e de desenvolvimento que aumenta necessàriamente as probabilidades do suicídio.

6 - a anomia conjugal leva o homem à incerteza do futuro. Sabe que o laço que o prende ao casamento está a qualquer momento para ser rompido. Por isso mesmo, nos países onde o casamento é fortemente moderado pelo divórcio, é inevitável que a imunidade do homem casado seja menor. Como em tal regime ele se aproxima do celibatário, perdendo algumas de suas vantagens. Por conseguinte, o número total dos suicídios se eleva.

7 - o homem tem mais necessidade de limites e a mulher maior necessidade de liberdade e é nesta distinção que leva o homem a um estado anômico mais grave que a mulher, levando-o ao suicídio. O casamento para a mulher não altera sua condição de vida limitada, como ocorre com o homem. Por isso o divórcio para ela tem um sentido maior de

liberdade quanto a sua vida.

8 - os homens casados mais novos se matam mais que os solteiros da mesma faixa etária, envolvidos na intensidade das paixões e fortemente submetidos a uma norma tão rígida do casamento.

9 - o número elevado de suicídio nos países onde o divórcio é difundido, nada tem a ver com a predisposição orgânica e sobretudo com a frequência de pessoas equilibradas.

10 - é no estado de anomia conjugal, produzido pela instituição do divórcio, que se explica o desenvolvimento paralelo dos divórcios e suicídios.

11 - a constituição moral adquirida no casamento e que sobrevive ao afrouxamento da regulamentação matrimonial é que vai produzir ou dar causa excepcional a tendência ao suicídio.

12 - o casamento para o homem resulta de uma renúncia a liberdade e, por conseguinte, passa a ser uma fonte de tormentos. Mas como a mulher não tem as mesmas razões para renunciar a liberdade, mesmo submetida às mesmas regras , ela é que faz um sacrifício.

Entendemos que as conclusões de DURKHEIM devem ser relativizadas e de alguma forma relacionadas aos dias atuais. Hoje, o conceito de anomia está muito presente nos estudos sociológicos. Por exemplo, o bairro de Copacabana em relação a outros bairros na Zona Sul , apresenta com muita evidência um número maior de suicídios. Consideramos este fato como uma anomia social, no dizer do sociológo francês.

4.3.2 - O Suicídio no Estado do Rio de Janeiro

O IBGE (op.cit) nos mostra uma estatística dos anos de 1982 e 1983, do suicídio no Estado do Rio de Janeiro,em termos de algumas causas, o sexo, o grupo de idade e estado civil, que de certo modo nos leva a algumas direções.(1)

(1) Não foi possível lenvantar a estatística de suicídios no Estado do Rio de Janeiro por 100.000 habitantes.Ocorrendo do mesmo modo quanto às estatísticas de homicídios, divórcios , separação e casamento.Tanto o IBGE quanto o DINSAM -Divisão Nacional de Saúde Mental não forneceram os dados solicitados.

Vamos as causas:

ANO	TOTAL	DESILUÇÃO	DOENÇA MENTAL OUTRA	ALCOOLISMO	DIFICULDADE FINANCEIRA	IGNORADO
1982	454	28	93	08	18	269
1983	409	32	70	16	25	243

Pelo visto, o maior número se encontra na coluna das causas ignoradas. Em seguida, vem a coluna dos doentes mentais e outra, que nos parece ser de problemas relacionados à outras doenças. A desilusão amorosa vem em 3º plano; a dificuldade financeira logo atrás e por último o alcoolismo.

A doença mental e outras doenças reunem maior incidência como causa dos suicídios e nos leva ao encontro com a anomia individual ligada essencialmente a anomia social e econômica, como afirmaria DURKHEIM (op.cit).

Podemos hipotetizar que estas causas devam ter entre si uma correlação muito alta. Difícil para nós separarmos, por exemplo, a doença mental dos distúrbios do comportamento ou mesmo das neuroses, da desilusão amorosa, do alcoolismo e mesmo das dificuldades financeiras.

Os estudos e pesquisas no exterior confirmam esta hipótese. Seus dados são mais fáceis de serem encontrados do que os nossos, em função do tema, que há muito tem sido considerado numa cultura mais desenvolvida.

É muito comum encontrarmos em clínicas psicológicas e psiquiátricas dados empíricos como do alcoolismo como conse

quência da separação, divórcio e mesmo viuvez, como também das dificuldades financeiras e do desemprego.

O quadro de suicídios, ligados ao sexo e grupos de idade, nos fornece dados de grande valor.

Ano	Total	Masc.	Fem.	Menos de 15 Anos	De 15 a 24 Anos	De 25 a 44 Anos	De 45 a 59 Anos	De 60 A a mais	Ignorado
1982	454	298	156	6	105	188	78	66	11
1983	409	275	134	8	79	166	64	70	22

Nesta estatística, vamos encontrar cerca de 66% de pessoas do sexo masculino que se suicidam, sendo superior ao sexo feminino, em relação ao total da população. Este resultado confirma as pesquisas estrangeiras como também os dados de DURKHEIM (op.cit). Segue, com muita clareza, a faixa de idade onde se dá o maior número de suicídios, situando-se entre 25 a 44 anos num índice de 41% do número total.

O quadro de suicídios segundo o estado civil e a distribuição da população no Rio de Janeiro: (2)

Ano	Solteiro	Casado	Separado Judicialmente	Divorcio	Viuvo	Ignorado
1982	204	168	10	4	25	43
1983	174	149	15	4	26	41

(2) Pelo quadro observamos que de 1982 a 1983 houve um aumento de 66% para 67% de suicídios em relação ao sexo masculino, de 5% para 6% de viúvos e de 2% para 3% de separados.

Pela amostra, a incidência maior de suicídios reúne a população de solteiros, e em seguida a de casados. Restam os separados, divorciados e viúvos, mesmo reunidos, num menor número.

Segundo as hipóteses levantadas, DURKHEIM (op.cit.), afirma que os celibatários apresentam uma grande incerteza de futuro. Vivem em estado de perturbação e agitação permanente e esse fato leva-os a uma grande probabilidade de suicídio. Até que ponto esta hipótese está embutida no quadro abaixo? Podemos, também, afirmar que a população de casados em nossa amostra já se encontra a uma condição de menor imunidade frente aos problemas do casamento, em função do progressivo aumento do divórcio e separação no país.

Parecemos que o menor número de separação e divórcio, reflete a falta de informação sobre as pessoas separadas de fato e não de direito. Separam-se fisicamente sem legalizar o fato. Essa população que se ignora, como também o estado civil, é bem significativa e fortalece a nossa hipótese.

4.3.3 - Conclusão

No primeiro quadro observamos uma incidência muito grande de doenças mentais e outros distúrbios de comportamentos como causas do suicídio. Podemos hipotetizar, que pelo grande número de pessoas encontradas na coluna do ignorado, deve existir um vasto conglomerado de doentes mentais, desiludidos com o amor, alcoolatras e muitos em dificuldades financeiras.

Na classificação pela idade, constatamos que a maior incidência de suicídios se centraliza na faixa entre 25 a 44 anos, onde se dá com grande evidência as separações, segundo as estatísticas do IBGE. O sexo no suicídio predomina o dos homens, i.e. , esses se suicidam em maior número que as mulheres, o que nos leva afirmar que coincide com as pesquisas européias e americanas.

Segundo o estado civil, nessa amostra de 1982 e 1983, os solteiros predominam. Sabemos que a maioria deles, anualmente, dão entrada nas instituições psiquiátricas. Segundo as nossas pesquisas em 1983, foram admitidos 40% de pacientes solteiros nas instituições psiquiátricas como também os pacientes casados em 42%, o que concide também com a amostra de suicídios do IBGE. O número de divorciados, separados judicialmente e viúvos, já se apresenta em menor escala. Percebe-se no 3º quadro da amostra, que houve um aumento de 1982 a 1983 de pessoas suicidas separadas judicialmente, de viúvos e um número estável de divorciados.

Podemos confirmar, segundo as nossas pesquisas no Rio de Janeiro, que o suicídio segue coincidentemente a mesma ordem de admissão de pacientes nas Instituições Psiquiátricas:

1 - Solteiros

2 - Casados

3 - Separados

4 - Viúvos

Que os homens se suicidam mais que as mulheres e, fi

nalmente, tanto os homens quanto as mulheres cometem o suicídio geralmente em tôrno da faixa de 25 a 44 anos, vindo em seguida a faixa de 15 a 24 anos.

5 - INTERVENÇÃO PSICOTERAPÊUTICA NO PROCESSO DE DIVÓRCIO E SEPARAÇÃO

A intervenção psicoterapêutica no processo de divórcio e separação passa por diversas fases de pesquisa, na busca do entendimento do problema. Sendo este dominado, passa a ser explicado à luz das teorias psicológicas e, finalmente, trabalhado através das técnicas específicas.

Todo esse trabalho de pesquisa e assistência psicológica demanda tempo e dinheiro. Nem sempre as famílias possuem condições econômicas para tal. Caso fosse, simplesmente, o trabalho com uma única pessoa poderia ser mais rápido e mais econômico. A psicoterapia conjugal relaciona mais gastos e envolve não só cônjuges mas também os filhos.

Antes de entrar na fase de intervenção psicoterapêutica apresentamos como base de estudo os estágios do divórcio no qual inclui vários períodos de desenvolvimento, segundo Kressel e al. (s.data).

5.1 - As Fases do Desenvolvimento

5.1.1 - Período de decisão pré-divórcio

5.1.2 - Período de decisão

5.1.3 - Período de luto

5.1.4 - Período de reequilibração

5.1.1 - Período de decisão pré-divórcio:

Refere-se a um estágio de insatisfação e tensão do casal - frequentemente mais sentido mais por um do que pelo outro.

5.1.1.1 - Ocorre nesse período tentativas de reconciliação, incluindo esfôrço em recapturar o carinho mútuo e procurar conselhos de amigos e parentes. A ajuda psicoterapêutica no momento ou num estágio subsequente é da maior importância.

5.1.1.2 - Aparece um claro declínio na intimidade conjugal. Um dos membros ou o próprio casal pode manifestar atitudes de "amor" como uma forma de segurança psicológica, afim de impedir a separação.

5.1.1.3 - Manifesta-se uma quebra na solidariedade conjugal. Torna-se do conhecimento público que o casamento não está bem. Já existe uma luta aberta. Advogados podem ser procurados. A separação física pode ocorrer nesta fase ou num estágio mais adiante, ou mesmo, nunca ocorrer e até mesmo em casos extremos após o divórcio.

5.1.2 - Período de Decisão

5.1.2.1 - A decisão para se divorciar é feita pelo menos por um conjuge. Uma sensação de alívio, talvez, de animação é observada.

5.1.2.2 - Observa-se, também, ansiedade e pânico no desenho da separação: Posso eu sobreviver sozinha?

5.1.2.3 - Explica-se as rotas históricas do conflito conjugal.

5.1.2.4 - Emerge a rejeição da intimidade conjugal. Na realidade, ambos se sentem desencorajados a encarar a ansiedade em consequência da separação.

5.1.2.5.- Repetidas explosões na luta conjugal revelam a verdadeira natureza dos estágios anteriores.

5.1.2.6. - Segue-se a aceitação final da inevitalidade do divórcio. O estado de raiva se repete, agora, expressada em conflito, em termos de se formar um acordo. Por exemplo: "Prometo a você que lhe darei a metade do dinheiro que está no banco"; "bem, eu mudei minha maneira de pensar".

5.1.3 - Período de Luto

Este é um período crítico e complexo. É durante este período que os termos de acôrdo vão ser estabelecidos.

5.1.3.1 - Aparecem os sentimentos de culpa e auto- reprovação por uma das partes por ter sido o causador do rompimento. Um agudo sentimento de fracasso e enfraquecimento do auto-valor é percebido. A solidão e a depressão são fenômenos típicos. Tem sido notado que o luto em decorrência da perda da esposa pelo divórcio é de algum modo mais difícil do que o luto por morte do outro cônjuge. No divórcio, o parceiro está vivo e vive a tentação dos laços conjugais serem novamente estabelecidos.

5.1.3.2 - Pode ocorrer a raiva do esposo ou da esposa. Isto significa o retôrno ao equilíbrio e um salto para frente em relação a si próprio.

5.1.3.3 - A aceitação do lado negativo e positivo do casamento, como também, da própria realidade da tristeza, é conscientizada.

5.1.4 - Período da Reequilibração

Este é um período do fortalecimento do auto-crescimento e o enfraquecimento da tendência de resistir ao divórcio. Se o processo de luto tem sido completado com sucesso neste estágio, já será um passo para o estabelecimento de critérios para um divórcio construtivo.

A intervenção na dissolução do casamento requer estratégias e táticas para que o desenvolvimento do processo de divórcio se faça de forma equilibrada e saudável.

A terapia do divórcio apresenta dois distintos aspectos: ajudar os clientes a se decidirem quando divorciar ou não, como também ajudá-los na formação do acôrdo final do divórcio.

5.2 - Estratégias utilizadas durante o processo psicoterápico:

A - Estratégia reflexiva

A - Estratégia contextual

C - Estratégia substantiva

A - A estragégia reflexiva envolve comportamentos pelos quais o psicoterapeuta orienta o casal em relação ao conflito conjugal, estabelecendo as bases para a construção de esquemas específicos em sua ação psicoterapêutica.

B - A estratégia contextual se refere ao propósito de criar condições que permitam ao casal a sua própria tomada de decisões e negociações.

C - Na estratégia substantiva a ação do terapeuta é ativa e direta, promovendo acordos ou mesmo pressionando ou manipulando as partes nas soluções das suas diferenças. Dentro

de uma analogia obstétrica, diríamos que seria a abordagem cezariana da terapia do divórcio.

Vários aspectos básicos podemos mencionar nas estratégias:

A - Estratégia Reflexiva:

A.1 - A construção da segurança e confiança no terapeuta.

A.2 - O diagnóstico da situação conjugal

A.3 - A manutenção da imparcialidade do terapeuta

B - Estratégia Contextual:

B.1 - fase do processo decisório

B.2 - fase do acordo

B.1 - Fase do processo decisório:

B.1.1 - táticas comportamentais.

B.1.2 - táticas estruturais

B.1.1 - Táticas Comportamentais

B.1.1.1 - Redução do nível de tensão emocional

a - esclarecer a fonte real da raiva

b - dividir o foco do outro para si próprio

c - rerotular a acusação

d - encorajar a interação positiva

e - focalizar os esquemas substantivos

f - reduzir a ansiedade através das técnicas comportamentais.

B.1.2 - Táticas Estruturais

B.1.2.1 - Redução do nível de tensão emocional

a - modificar o formato da terapia: grupo de casais

b - modificar o formato da terapia:coterapia

c - fazer respeitar a separação física

d - regular o contrato com advogados

e - obter o pagamento adiantado

B.1.2.2 - Esclarecimento das fontes de disfunção conjugal

-promover o entendimento dos padrões correntes da interação.

B.2 - Fase do Acordo

Nesta fase,o psicoterapeuta joga um importante papel. Serve como veículo auxiliar no sentido de ajudar o casal na difícil decisão de terminar ou manter o casamento. Faz um esfôrço psicoterapêutico muito grande quando estão envolvidos conflitos e crises emocionais.

Algumas estratégias são discutidas nesta fase:

1 - Estabelecer um clima favorável para negociações:

a- estabelecer normas de dignidade, cooperação e amistosidade

b- desencorajar a vingança e procura de revanche.

2 - Estruturar negociações

3 - Mediação entre o advogado e o cliente

C - Estratégia substantiva:

C.1 - Fase do processo decisório: criação da motivação para o divórcio.

C.1.1 - Enfraquecer os impedimentos atitudinais para o divórcio

C.1.2 - Argumentando em favor do divórcio

C.1.3 - Alterar as asserções negativas acerca de si próprio

C.1.4 - Encorajar a separação física

C.1.5 - Argumentar a orientação quanto a necessidade para o trabalho ou habilidades sociais

C.1.6 - Considerar a importância do suporte da família e dos amigos

É da maior importância nesta fase:

1 - Fazer com que as partes encarem de frente a "realidade"

2 - Fazer sugestões quanto ao compromisso estabelecido

3 - Proteger o bem estar dos filhos

5.3 - Modelo de perda segundo ELIZABETH KÜBLER-ROSS

DONALD J.FROILAND e THOMAS L. HOZMAN, (1977), no artigo "Counseling for Constructive Divorce", defendem o modelo de perda, apresentado por Elizabeth Kubler-Ross em sua obra "On Death and Dying" (1969). Afirmam os autores que a sua experiência no campo do divórcio, legal ou psicológico, é, na realidade, a morte de um relacionamento. Decidiram, então, explorar a utilidade dos conselheiros matrimoniais, na conceitualização do processo do divórcio, como semelhante ao processo de encarar e lutar contra a morte.

5.3.1 - Fases

O modelo de perda adotado por Elizabeth Kubler-Ross apresenta as seguintes fases:

5.3.1.1 - Fase da negação

5.3.1.2 - Fase da raiva

5.3.1.3 - Fase do acôrdo

5.3.1.4 - Fase da depressão

5.3.1.5 - Fase da aceitação

Um exame do modelo indica que pode ser aplicável à maioria dos indivíduos em processo de divórcio. Deve ser entendido que nem todos os indivíduos passam pelas mesmas fases ou seguem a ordem apresentada.

5.3.1.1 - Fase da negação

A negação é a recusa em aceitar a realidade, atual

e potencial. Durante esta fase, o indivíduo, frequentemente, procura o conselheiro baseado em razões vagamente estabelecidas: como estar em depressão por um longo período de tempo, aborrecido com a vida, falta de motivação e ambição e outras ansiedades não identificadas. Frequentemente é a mulher que inicialmente procura auxílio.

A cliente pode resistir a qualquer sugestão sobre as dificuldades no casamento. Usa defesas e racionalizações sobre qualquer erro no casamento. Defende o relacionamento, mesmo, em condição de crise.

Dinamicamente, os indivíduos nesta fase de desenvolvimento do divórcio, tendem a perceber o casamento, como uma extensão de si próprio. O cliente não está pronto ou mesmo capaz de admitir que o seu relacionamento com o outro cônjuge esteja começando a se desintegrar. Os casais ou os indivíduos, provavelmente, não tentam qualquer comportamento que possa perturbar o estado de homeostase que correntemente existe. Frequentemente, recusam até mesmo considerar a possibilidade de usar qualquer comportamento alternativo, como por exemplo: tentar aprender novos comportamentos que, conscientemente, não estão no seu repertório.

5.3.1.2 - Fase da raiva

A raiva é comumente reconhecida como uma reação emocional resultante de injúrias, ameaças verbais e ofensas físicas. A mais coberta forma de raiva pode ser demonstrada como uma forma de "temper-tantrum". Paradoxalmente, no aconselhamento em

fase do pré-divórcio ou divórcio, observamos que o comportamento de temper-tantrum apresenta um efeito negativo e tende a reforçar a decisão para a separação.

Durante esta fase pode ocorrer, também, que um ou o casal possam tentar alianças de suporte. Essa tentativa de construir tentativas de suporte com os filhos, famílias e amigos pode parecer útil ao cliente, mas no fundo impede a resolução do conflito.

5.3.1.3 - Fase do Acordo

Nesta fase ambos os cônjuges tentam negociar ou colocar em termos a desintegração do casamento. A dinâmica do acôrdo torna-se extremamente intricada.

Muitas das manipulações que ocorrem nesta fase são apelos de ordem moral ou social. Por exemplo, o cliente pode ouvir comentários como "Olha você tem muito a perder no seu casamento se você continuar nêsse ridículo curso". Amigos, parentes e filhos podem manipular um ou ambos os cônjuges com desapontamento ou raiva.

O acordo sexual é frequentemente usado no processo de negociação. Pode ser exibido através da atividade sexual agressiva, dentro ou fora do relacionamento. A gravidez ou mesmo sua ameaça não é tão incomum nesta fase. Por exemplo, a afirmativa "se nós tivéssemos um filho poderíamos manter o nosso casamento". É comum, nesta fase, a manifestação de ansiedades, medos e muitos sonhos e fantasias.

O clientes nesta fase são compelidos a "absolutizar"

tudo. Vê seu casamento em termos absolutos e não relativos. Às vêzes toma forma de racionalizações.

Tentativas de reconciliação são frequentemente encontradas nesta fase de aconselhamento.

5.3.1.4 - Fase de Depressão

A depressão é definida como um sentimento de abatimento em resposta a uma condição de perda ou desapontamento. No caso do divórcio, a depressão resulta da perda ou do potencial da perda do relacionamento. A depressão consiste frequentemente de uma exagerada alteração do humor, acompanhada de um decréscimo nos sentimentos de auto-valor. A depressão pode ocorrer justamente quando um dos cônjuges apresenta uma firme decisão de divorciar-se ou quando fracassa na tentativa de reconciliação. Manifesta-se uma diminuição da motivação combinada com a inabilidade de continuar seguindo as atividades normais.

O tipo de depressão no divórcio é, geralmente, a combinação de dois elementos: tristeza e pessimismo. A tristeza da perda por si própria não é usualmente suficiente para causar a depressão. A tristeza combinada com o pessimismo vai resultar numa depressão reativa.

Segundo os autores, o desalento será resultante no fracasso dos estágios de negação, raiva e do acordo. O sentimento de fracasso toma lugar. A confiança da pessoa em sua habilidade de tomar decisões e agir independentemente é destruida e, na maioria das vezes, começa a procurar relacionamento de dependência.

A habilidade individual de confiar nos outros é se

riamente danificada. Isto a leva a um retraimento social e até mesmo pode passar por idéias suicidas. O cônjuge rejeitado no casamento pode expressar sentimentos de vingança para o outro.

A dinâmica da depressão é muito variada e complexa. Há uma tendência do deprimido a supergeneralizar a experiência negativa e aprever o futuro de uma forma estereótipa negativa. Sabemos que o auto-valor é dependente do sucesso do relacionamento conjugal na maioria das pessoas.

5.3.1.5 - Fase da Aceitação

A verdadeira aceitação ocorre quando os dois cônjuges aceitam o fim do casamento. Passa a aceitar o divórcio como um estilo de vida. O cliente passa a imaginar que é legítimo ter amor, ódio ou mesmo manter-se neutro em relação ao outro cônjuge.

Durante esta fase o cliente passa a funcionar com mais autonomia, crescendo como pessoa, esforçando-se para eliminar ilusões e comportamentos improdutivos.

O cliente alcança a verdadeira aceitação quando reaprende as apropriadas habilidades sociais e reações emocionais na sua vida diária. O cliente deve aceitar a sua nova imagem de divorciado em relação aos amigos e conhecidos. Novos relacionamentos afetivos deverão ser tentados e desenvolvidos. As fontes de suporte emocional, externos e internos, terão que ser descobertos ou afastados.

A dinâmica da aceitação inclui a reorientação de prioridades e passa a focalizar um mundo novo diante de si.

O principal objetivo, contudo, para a maioria dos in

divíduos nesta fase é aprender novas habilidades sociais e formas de comportamento social.

5.3.2 - Aplicação das técnicas psicológicas segundo as fases do modelo de perda.

Uma série de técnicas psicológicas podem ser utilizadas nas diversas fases do modelo de perda, auxiliando o cliente a um maior contrôle do seu comportamento emocional e cognitivo (Froiland e al. 1977; Agras, 1972; Lazarus, 1971; Beck e al., 1982; Meichenbaum, 1977).

Na fase da negação podem ser empregadas as seguintes:

1 - "self talk"
2 - restruturação cognitiva
3 - Abordagem racional-emotiva
4 - Psicodrama

Na fase da raiva podemos orientar outras:

1 - aconselhamento e orientação cognitiva
2 - processo catártico
3 - atividade física acentuada
4 - psicodrama
5 - técnica de "Rôle Playing"

No estágio do acôrdo, algumas podem ser aconselhadas:

1 - técnica de assertividade
2 - terapia de luto
3 - modeling

4 - troca de papel

5 - ensaio do papel

6 - técnicas de micro aconselhamento

7 - avaliação do relacionamento

8 - identificação e listagem das necessidades do cliente nas áreas emocional, física e intelectual

9 - O psicoterapeuta como modelo

Na fase da depressão vamos indicar os seguintes procedimentos técnico-psicológicos:

1 - grupos de crescimento

2 - treinamento assertivo

3 - sessões de psicodrama com projeções para o futuro

4 - avaliação da força potencial física, emocional e intelectual do cliente, externos e internos

5 - atividade de lazer

6 - treinamento de namoro

7 - grupos e organizações de suporte (famílias, amigos, grupos de crescimento, instituições religiosas)

No estágio da aceitação podem ser considerados como de muita importância, os seguintes procedimentos:

1 - fazer parte de um grupo de crescimento

2 - planejamento, técnica e exploração da carreira profissional

3 - técnicas de reforçamento

4 - comportamentos de suporte para os novos comportamentos aprendidos

Estes dois últimos procedimentos devem ser bem uti

lizados após a fase da aceitação, dentro de um programa de 2 a seis meses de folow-up.

5.4 - Grupos de Crescimento

BONKOWSKI e WESTLY (1979), no estudo "The Divorce Group: A new treatment modality", afirmam que o trabalho em grupo para as pessoas que são divorciadas ou em processo de divórcio, ou mesmo em crise de casamento, é uma saída muito eficaz para os seus problemas.

O objetivo do grupo é levar os membros a entenderem e a solucionarem problemas específicos relacionados ao seu divórcio ou crise do casamento, e fornecer também o necessário suporte emocional durante o período de estresse e ajudar a mudança da "grande" tragédia para a uma oportunidade de crescimento.

a - Composição do grupo de divórcio

O grupo pode ser formado de seis a quinze pessoas. As sessões podem durar por um período de uma a duas horas por semana. O grupo pode se reunir durante oito a dez semanas.

O grupo pode incluir pessoas que são separadas dos seus cônjuges, indivíduos que ainda são casados tentando decidir o divórcio, indivíduos recentemente divórciados e pessoas divorciadas que ainda não conseguiram resolver os seus problemas. A maioria das pessoas, geralmente, está voltadas para o seu primeiro divórcio. A idade dos participantes varia de vinte a sessenta anos.

Normalmente os grupos incluem homens e mulheres, embora, algumas vezes com predomínio das mulheres. Os membros do

grupo incluem pessoas com ou sem filhos. Com relação a situação sócio-econômico é predominante às pessoas da classe média. Vamos encontrar pessoas que já fizeram psicoterapia de grupo, aconselhamento conjugal e psicoterapia individual.

Os participantes estabelecem um contrato de trabalho, com objetivos específicos e apresentam uma lista que desejam discutir. O líder do grupo, o próprio psicoterapeuta, toma a iniciativa convidando uma pessoa que já experienciou uma perda para relatar a sua própria experiência. Esta exposição leva aos outros membros a dividirem a sua perda.

No final dos encontros, os membros avaliam por escrito ou verbalmente, os objetivos alcançados, o entendimento pessoal, o crescimento e os desapontamentos experienciados com o grupo. Esta avaliação inclui, também, a do líder. Esse procedimento ajuda a trazer o fechamento do grupo.

Alguns dos membros escolhem a continuar se encontrando com o grupo por uma variedade de razões, incluindo a necessidade de suporte, enfrentar os problemas não resolvidos e não perder os novos amigos. O líder e os membros do grupo discutem continuar com ou sem líder.

b - Estrutura do grupo do divórcio

Alguns elementos fazem parte da estrutura do grupo:

1 - Input educacional
2 - Grupo de suporte
3 - Cuidado psicoterápico ou intra-psíquico

1- "Input" Educacional

O líder serve como disseminador e catalizador de informações em relação aos membros do grupo. Alguns problemas podem ser analizados e discutidos, como os efeitos do divórcio sobre os filhos, a importância do trabalho, o retorno aos estudos escolares, universitários ou mesmo cursos diversos, e participação em organizações filantrópicas e clubes só para mulheres e homens.

2- Grupo de suporte

Esse grupo de suporte é altamente benéfico aos divorciados, por diversas razões. Fornece aos indivíduos a oportunidade de dividir com uma pessoa as dificuldades, os traumas dolorosos, as angústias e depressão. O grupo permite aos membros testar e retestar a realidade. Confrontações como o caso de brigas e soluções de conflitos podem ser experienciados no grupo pelas pessoas que não tenham adquirido estas habilidades. A comunicação verbal ou não verbal e habilidade para ouvir são altamente desenvolvidas.

Muitos membros do grupo necessitam de um lugar para ventilar seus sentimentos de perda, com pessoas que passam aceitar expontaneamente o seu estado de emocionalidade. A identidade de problemas facilita o processo. É muito comum os divorciados não obterem apoio de amigos e familiares como obtêm no grupo de forma mais integrada.

3- Cuidado psicoterápico ou intrapsíquico

O líder vai ajudar o grupo a desenvolver e

manter uma interação construtiva, como também a completar interações uns com os outros. Vai encorajar, permanentemente, os membros a tratar dos negócios ainda não resolvidos do casamento em extinção. Levará, também, os membros a reganhar mecanismos de enfrentamento dos problemas e aprender outros mais novos. São classificados tudo aquilo que é considerado normal e a orientação é dada ,i e, poder ajudar o indivíduo a antecipar o tempo no processo do divórcio.

Os membros do grupo recebem "feedback" dos companheiros sobre os seus problemas, formas de pensar e perceber as relações com o outro, e suas brigas. Esse mecanismo facilita a pessoa a ampliar mais a sua consciência crítica, ampliando muito a sua forma de encarar a realidade e os comportamentos futuros.

No grupo são analizados, discutidos e examinados todos os problemas considerados pelo grupo como importantes para eles - alcançar uma decisão sobre o divórcio, tratar dos sentimentos em geral e da perda, enfrentar as inúmeras mudanças que ocorrem simultâneamente e tudo que diz respeito aos filhos, a repercussão religiosa e sanções sociais; aprender a reconstruir a vida como solteiro, aprender a confiar e amar outra vez.

Velho (op.cit) afirma que o casamento como uma aliança não deve ser compreendida apenas por sua dimensão pragmática e utilitarista. Funciona como articuladora e elaboradora da identidade social dos grupos e redes de relações envolvidas. E esse fato vai constituir socialmente a existência dos indivíduos.

Vai mais longe, ainda, quando assevera que no mo

mento que um casamento-aliança se desfaz, há sempre em maior ou menor grau o desenvolvimento de um drama social que atinge a rede anteriormente constituída. Quando existem filhos, a rede é mais complexa, pois envolve avós, tios, padrinhos.

Depois da separação, as redes são recompostas, havendo inevitavelmente uma reorganização de fronteiras. É nesta fase que os amigos e a sociedade aparecem como elementos axiais para a reelaboração da identidade social dos indivíduos membros da aliança desfeita.

Em função dessa nova etapa ou fase de vida, ocorre a formação de grupos que se identificam por serem divorciados. Em Brasília foi constituida uma Associação Brasileira dos Ex-casados, Abreca, que começou como uma brincadeira de amigos e tornou-se um grupo significativo de suporte (Cunha, 1985).

O núcleo do grupo é bastante eclético - reúne jovens na faixa de 20 anos e senhores de 50 anos. Todos têm um objetivo comum: reestruturar suas vidas da melhor maneira possível, sem se preocupar com o fato de não estarem mais casados.

O grupo é formado por treze pessoas, havendo os flutuantes que aparecem em dias difícieis para eles. O número de homens e mulheres são praticamente os mesmos. Reunem-se as quartas-feiras até as quatro da madrugada. No sábado, curtem a feijoada especial do hotel servida à beira da piscina.

Pelo que vimos, os grupos identificados com os mesmos problemas se auxiliam reciprocamente, dando curso à reorganização de suas emoções e reestruturação à nova vida. Passam a aprender que a vida existencial não pode ser percebida de

forma absoluta. As verdades são relativas e a felicidade pode ser relativizada segundo as formas realistas do "pensar".

6 - A FAMÍLIA, A CRIANÇA E OS PROBLEMAS ECONÔMICOS

6.1 - O envolvimento da Família

Como vimos em alguns capítulos (cap. 2,3,4,5,6), as consequências negativas da separação e divórcio deixam graves sequelas psicológicas nos cônjuges, nas crianças, filhos, parentes, enfim, em toda a família e, em extensão, nos próprios amigos.

Esse fato social é observado praticamente em todos os países, sejam eles desenvolvidos sócio-econômicamente ou mesmo em processo de desenvolvimento. Como opinam os estudiosos, a separação e o divórcio se transformaram num fato epidemológico ou mesmo endemiológico. (cap. 2)

As grandes potências mundiais, mais evoluídas sócio-econômicamente, gastam permanentemente altas somas em dinheiro para enfrentar o problema, tentando remediar, dentro do possível, as consequências psicossociais resultantes.

Uma série de aspectos sociais negativos envolvem a família brasileira além da separação e do divórcio. Dentre muitos, realçamos os problemas econômicos, o desemprego, a poluição populacional, a pobreza, a falta de escolas e hospitais, vindo, sobremaneira, aumentar, mais ainda, a vulnerabilidade da família em crise.

Alguns estudiosos defendem a tese de que o casamento é um fator básico de proteção à estrutura emocional da família. Segundo eles, o casamento reduz a vulnerabilidade das pessoas a uma grande variedade de doenças tanto orgânicas quanto psicológicas. Pesquisadores como TURNER (1972), DUPONT, RYDER E GRUNEBAUM

(1971), MYERS, LINDENTHAL e PEPPER (1975), SYME (1974), e muitos outros concordam com este ponto de vista[1].

Em nossas pesquisas (cap. 4) as pessoas solteiras e cásadas prevalecem sobre as separadas e viúvas na admissão em instituições psiquiátricas. Estes resultados nos colocam em dúvida: até que ponto o casamento protege os seus membros ou, ao contrário, a saúde psicológica dos mesmos é que protege o casamento? Temos que levar em conta não esta hipótese, mas as consequências negativas da separação para a maioria dos seus membros.

PEARLIN e al (1977) afirmam que desde os trabalhos de DURKHEIM tem sido reconhecido que as pessoas separadas são mais predispostas aos problemas emocionais que os casados. Alguns estudos ratificam esta afirmação como BLUMENTHAL (1967), BRADBURN (1963), SROLE e al (1962), CURIN e al (1960), KNUPFER e al (1964) e RADLOFF (1975) [2].

A discussão do tema realizado por BACHRACH (op.cit.) torna claro que na transição do casamento a condição de solteiro como fator estressante encerra uma variedade de traumas psíquicos.

Foi sugerido por HUNT (1966) que os casados há mais tempo têm dificuldades na tarefa de adaptação aos novos papéis da vida, quando se separam.

---

(1) TURNER (1972), DUPONT, RYDER e GRUNEBAUM (1971), MYERS, LINDENTHAL e PEPPER (1971, 1972, 1974 e 1975), SYME (1974), APUD BLOOM e al.

(2) BLUMENTHAL (1967), BRADBURN (1963), SROLE e al (1962), CURIN e al (1960), KNUPFER e al (1964, 1966) e RADLOFF (1975) APUD BLOOM e al.

Se o nosso povo vive em permanente anomia social e econômica, como fica quando sua família entra em crise, em consequência dos conflitos conjugais?

Segundo a hipótese estressora (cap. 2), a dissolução do casamento constitui um significativo motivo estressor. Esta hipótese é vista também sob uma outra rubrica como a teoria da crise. Os trabalhos de CAPLAN (1964) e PARAD (1965) sustentam este pensamento.

6.2 - Criança, a maior vítima

Integrando essa visão anômica social, familiar e individual, a crise se generaliza a tal ponto que os filhos serão os mais atingidos e as maiores vítimas.

Já verificamos em nossa pesquisa a soma surpreendente de separações com filhos menores de idade, nos anos de 1982, 1983 e 1984 no Estado do Rio de Janeiro, como também nos principais estados brasileiros. (cap. 1)

JO BANE (1967) focaliza com muita propriedade o problema da criança nos lares desfeitos, enfatizando a responsabilidade das entidades públicas na proteção dessa população. Programas como "ajuda à família com crianças dependentes" e "plano de assistência à família" refletem a prioridade do interesse público nos Estados Unidos.

A autora afirma que dois aspectos são básicos para a implantação de um programa público:

1. O número de crianças afetadas pela separação durante os anos de infância. (3)

2. A quantidade de tempo que as crianças gastam,

(3) A nossa pesquisa no Brasil e Rio de Janeiro demonstra esta realidade.

vivendo em casa com um único pai ou mãe.

A informação do número total de crianças afetadas pelo rompimento conjugal e a duração do rompimento não são claramente disponíveis nas fontes publicadas, Na pesquisa americana, o U.S. Bureau of the Census (1974) assinala que o número de crianças e adolescentes abaixo de 18 anos, vivendo sob a direção da mãe, tem aumentado de 7,4% em 1965 para 14,4% em 1974.

Outra dificuldade encontrada, segundo a fonte mencionada, reside na identificação das crianças que vivem só com o pai, avós, pais adotivos, tios, amigos, instituições públicas ou privadas. (Jo Bane, Op.cit.)

6.3 - Os Problemas Econômicos

Os problemas econômicos surgem como um dos grandes legados para as famílias envolvidas. Geralmente as mães ficam com os filhos e a sua carga emocional aumenta substancialmente:

1. Profissionalmente o seu salário é menor que o do marido.
2. A população inativa é maior que a do homem.

Segundo JO BANE(op.cit), nos Estados Unidos, em 1974 e 1975, a "U.S. Bureau of the Census" indicava que o homem ganha

va um salário médio anual de $ 13.788 e a mulher $ 6.413 em famílias divorciadas - o pai ou a mãe vivendo com os filhos. E o mais surpreendente é que 61,4% das crianças, abaixo de 6 anos, viviam com suas mães num nível econômico abaixo do patamar considerado de grande pobreza.

PEARLIN e al(op. cit.)colocam os recursos econômicos como uma das grandes causas do estresse, independentemente do estresse da separação ou divórcio.

Neste trabalho fica bem claro que as pessoas separadas,provávelmente do ponto de vista econômico,experienciam mais estresse que os casados. Este fato ocorre, quase sempre, em função da própria redução dos recursos econômicos que a família dividida venha sofrer. O nível de bem estar de vida cairá substancialmente.

O anuário estatístico do IBGE de 1985[4] assinala que, em 1984, a região Sudeste do Brasil, onde se encontra o Estado do Rio de Janeiro, apresentava uma população de 44.237.782 pessoas, praticamente mais de 1/3 da população brasileira.

Neste levantamento estatístico demográfico distinguimos duas populações - uma econômicamente ativa e outra econômicamente inativa, isto é, sem relação a qualquer vínculo empre-

---

(4) Os dados econômicos da região Sudeste do Brasil, fornecidos pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, foram utilizados na falta desses dados específicos do Estado do Rio de Janeiro.

gatício, sendo respectivamente 24.311.080 e 19.962.702 pesssoas. Fica bem evidenciado que quase 50% trabalham e outros 50%, não. Da população econômicamente ativa, 16.044.727 são homens e 8.266.353 são mulheres, portanto, a metade dos homens. Da população econômicamente inativa, 5.739.195 são homens e 14.223.507 mulheres, praticamente três vezes o número de homens inativos .

Da população econômicamente ativa, 6.377.254 ganham de 1 a 2 salários mínimos, sendo que 4.128.072 são do sexo masculino e 2.249.189 do sexo feminino, isto é, cêrca de 50% das mulheres comparadas aos homens ganham nesta faixa salarial.

É oportuno lembrar que no Estado do Rio de Janeiro as mulheres se separam em sua maioria na faixa de 25 a 29 anos e nesta faixa, na Região Sudeste , 1.265.974 trabalham e 1.340.751 não trabalham, sendo que 2.453.652 homens trabalham e 76.490 , não.

Dentro dessa estatística a crise econômica no Brasil é evidente, tendo como amostra o Sudeste brasileiro. A consequência anômica psico-social(5) é uma realidade.

A separação e o divórcio aumentam, mais ainda, essa anomia psicossocial. As famílias se tornam mais pobres, mais enfraque -

---

(5) Anomia Psicossocial, segundo o autor, significa um estado de perturbação psicológica e social que sofre a sociedade ou seus indivíduos num dado momento da sua vida social e econômica.

cidas e mais vulneráveis a todas as espécies de perturbação psicológica , orgânica e social.

Assim, conforme MALDONADO (op.cit.),o impacto da separação costuma intensificar, ainda, quando, além da ruptura da convivência, sobrevêm certas mudanças radicais da vida, como uma queda sensível do nível financeiro, a necessidade de a mulher procurar um trabalho depois de passar anos restrita às tarefas domésticas, a falta de apoio da infra-estrutura da casa (deixa de ter empregada, não ter mais quem conserte o que não funciona em casa). Tudo isso tende a aumentar a sobrecarga, a frustração, a irritabilidade que passa a refletir-se , sobretudo, na relação com os filhos. E, em tais situações, os filhos menores seriam mais contundentemente penalizados em sua saúde física, orgânica e sobretudo emocional.

6.4 - Conclusão

Como vimos, os problemas econômicos somados à separação vão agravar sobremodo a unidade emocional familiar. A mãe, na maioria das vezes, assume a responsabilidade direta da família. Diante desta realidade, admitimos uma grande probabilidade que as crianças vão sofrer as maiores dificuldades como o empobrecimento da família, já assinalado por JO BANE (op.cit.).

A redução do nível sócio-econômico da família dividida pode resultar, provavelmente para a criança, uma consequência muito negativa:(6)

1. desnutrição

(6) Entendemos que as famílias pertencentes às classes média e pobre são as mais atingidas.

2. doenças generalizadas
3. problemas emocionais
4. exclusão do lazer
5. carência afetiva
6. ausência de modelos psicológicos masculinos e femininos.
7. evasão das escolas
8. início precoce da profissionalização
9. arrimo de família

Podemos acrescentar, ainda, outros aspectos que circundam a criança, pertencente a uma família de um único pai ou mãe.

A pensão obrigada que o pai tem que dar, em função da lei, na maioria das vezes é mais simbólica que real. E quando o pai está desempregado nem auxílio legal a mãe recebe como base de sustento para a sua família. A mulher por sua vez não pode trabalhar em função do cuidado dos filhos. Vai recorrer a parentes, irmãs, mãe, amigos.Não pode nem pensar em creches, que é hoje uma alternativa muito procurada pelas mães separadas, mas , significativamente , muito caras.

Muitos países europeus auxiliam, principalmente, as famílias de um único pai ou mãe através de programas assistenciais. Por exemplo, a Suécia mantém a estas famílias auxílios de variadas fontes. Todas as famílias com crianças recebem pensão para as crianças e para o lar.Os viúvos recebem pensão. As mulheres separadas e divorciadas recebem uma parte de seus salários sob forma de pensão. A mulher recebe do governo um suporte

financeiro independente do marido que lhe dá ou não. A combinação de benefícios na Suécia, na proteção da mulher divorciada e a mãe que não trabalha fora, vai de 2% a 68% do nível do salário percebido por uma família com dois pais e com duas crianças, segundo COCKBURN e HELCO (1974, APUD JO BANE).

A Inglaterra, através do "British Committe on One Parent Families" (TURNER, 1974, APUD JO BANE), segue a mesma conduta de programas realizados na Suécia, naturalmente com algumas diferenças.

Segundo JO BANE (op.cit.), as pesquisas nos Estados Unidos indicam que 40% das crianças americanas, hoje, principalmente, estarão vivenciando uma dissolução conjugal. Provavelmente viverão só com um dos pais durante cerca de cinco anos. Presumivelmente e nesse tempo poderão estar sofrendo de extrema dificuldade econômica, sem nenhuma ajuda externa. O bem estar físico e psicológico das crianças será prejudicado através das tensões e frustrações em função do baixo nível de renda. Os programas sócio-econômicos, voltados para as mulheres ou homens separados, divorciados, viúvos com filhos, serão as melhores soluções para o bem estar físico e emocional dessa população.

No Brasil, na situação econômica em que se encontra, será muito difícil, mas não impossível, estudar formas que resultem em auxílio às famílias brasileiras dentro das suas possibilidades sócio-cultural. Aqui no Rio de Janeiro já se está discutindo no INAMPS (Instituto Nacional de Previdência Social) a formação de um programa destinado a criação da terapia familiar.

Parece-nos que, agora, com a formação da nova Constituição, alguns aspectos poderiam ser analisados e fixados como nor -

mas básicas de proteção à família. Recomendamos: (7)

1. Auxílio econômico às famílias com filhos com um único pai ou mãe, independente de qualquer pensão de ordem jurídica.

2. Formação de creches públicas para o auxílio das mães separadas, divorciadas e viúvas.

3. A criação no INAMPS de programas destinados a terapia familiar - famílias em crises de casamento e famílias desestruturadas pela separação, divórcio e viuvez.

4. Priorização de escolas públicas para crianças de casais separados, divorciados e pais viuvos de baixa renda.

Estas medidas têm como objetivo básico a proteção da família voltada para os filhos em desenvolvimento físico, orgânico e emocional.

(7) Estas recomendações não tem por objetivo criar um grupo de "privilegiados" dentro do nosso contexto social. Defendemos neste trabalho o direito de alertar as autoridades sobre este delicado problema, segundo uma visão sistêmica social e política.

COMENTÁRIO FINAL

Na introdução histórica se desenhou com muita evidência o progressivo aumento do divórcio e separação no Brasil, e suas implicações sociais e políticas. Com a divisão da família pelo desquite novas famílias foram se formando sem nenhum amparo legal.

Os preconceitos sociais da época não só atingiam os novos parceiros, mas também os filhos resultantes. Uma atitude política era exigida. Apesar das grandes resistências da Igreja e dos conservadores, finalmente surgiu o divórcio com a lei 6515 de 1977 pondo fim à ilegalidade das novas uniões. Criou-se, assim, novos espaços afetivos legais para a sociedade. Um avanço social da maior importância.

Mesmo com o amparo legal das novas famílias, o divórcio e a separação pelos estudos e pesquisas psicosociais pareciam comprometer o casal na sua saúde psicológica e principalmente a dos filhos. As estatísticas no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, demonstram que o maior número de separações se dá com os casais com filhos menores de 18 anos.

As pesquisas em outros países demonstram, com maior clareza, as consequências negativas que atingem as famílias separadas, nos quais fatos como suicídios, homicídios, alcoolismo, procura de internações, e doenças psicossomáticas são muito evidenciadas, principalmente a depressão por perda.

Pareceu ao autor ser de maior importância partir para um estudo mais acurado do problema, especificamente, na cidade do Rio de Janeiro. Voltou-se para a investigação em duas insti

tituições públicas universitárias com setores psiquiátricos , com o objetivo de levantar estatisticamente a entrada de pacientes nos anos de 1983, 1984 e 1985, e dados como o sexo, a idade e o estado civil e estudar os fenômenos da depressão, alcoolismo e suicídio.

Na primeira pesquisa, da UERJ , apareceu com grande evidência o progressivo aumento de entradas de pacientes separados na instituição psiquiátrica . Já na segunda,da UFRJ, ocorreude forma não progressiva. Diante deste resultado podemos afirmar que esta população está aumentando na cidade do Rio de Janeiro.

Com os resultados, tornaram-se bem evidenciados que não só os separados e viúvos procuram as instituições psiquiátricas. Os solteiros e os casados prevalecem em sua maioria , constrastando assim com as pesquisas estrangeiras. Este fato se reveste como de grande interesse para nós. Se o casamento fôsse um grande veículo de proteção à família, como defendem GOVE e al (1983),e que a família serve como um "mundo" privado que fornece significado e suporte para o indivíduo, os resultados da nossa pesquisa provavelmente ,coincidiria na sua maioria com as de outros países. Então, somos levados a hipotetizar que a nossa amostragem em relação as pesquisas estrangeiras pode não ter valor em função do número da amostra ou mesmo das diferenças etnicas, sociais, culturais e econômicas. Portanto, teremos que esperar por outras pesquisas e estabelecer as devidas comparações.

Mas a discordância de alguns resultados não retira da população de separados e divorciados à sua vulnerabilidade aos problemas emocionais, sobretudo os quadros depressivos e consequências comportamentais desadaptativas.

Os casos de suicídios e homicídios em consequência dos rompimentos conjugais são bem conhecidos pela divulgação da imprensa, como também de outras pesquisas. Neste trabalho é evidenciado que os homens se suicidam mais que as mulheres. Fazemos um registro do notável trabalho de DURKHEIM, no qual enfatiza a perda da imunidade dos casados frente a institucionalização do divórcio e a vulnerabilidade dos solteiros quanto ao suicídio. Em nossa pesquisa os solteiros e os casados lideram as internações nas instituições psiquiátricas como também os suicídios. Na Suécia os solteiros são os mais atingidos. Portanto, esta questão nos parece muito significativa e digna dos maiores estudos.

Quanto ao alcoolismo os homens casados e solteiros são os mais representados, prevalecendo com muita evidência sobre as mulheres.

O fenômeno da depressão como consequência da perda afetiva - morte e separação - emerge como uma entidade psicológica bem marcante nesta população; fato considerado neste estudo como nos demais países, principalmente, os cônjuges que ficaram em luto. Evidencia-se que as mulheres são muito mais vulneráveis à instalação da depressão que os homens.

A preocupação do autor frente ao tema em questão se dirige fundamentalmente para o sofrimento generalizado da família em função da perda afetiva como a depressão e, em extensão, os problemas econômicos e sobretudo a grande população de crianças que são atingidas na sua estrutura e desenvolvimento emocional.

A importância da intervenção psicoterapêutica nas fa

mílias em crise conjugal é o primeiro passo para a reestruturação emocional do casal, levando-o a pensar criticamente em termos de realidade de vida. Sendo a separação o único caminho a ser seguido, não havendo outras formas para o ajustamento conjugal, procura-se através da psicoterapia o seu melhor direcionamento. A preservação da saúde psicológica dos cônjuges e filhos deverá ser um objetivo básico no processo psicoterapêutico.

A criação de instituições públicas ou mesmo de setores especializados à proteção das famílias em crise deverá ser uma meta dos governos. A formação de creches e escolas públicas para os filhos de famílias separadas e viúvas de baixa e média renda seria também de grande avanço social. E o próprio artigo 175 da Constituição Federal do Brasil preconiza que o Estado tem o dever de proteger a família.

A tese em questão, simples em sua investigação e proposta, não teve por parte do autor a pretenção de levantar e explicar todas as questões que envolvem o problema. Teve como objetivo primeiro desencadear um grito de alerta sobre a necessidade de atenção que deve ser dada a esta população que cada vez mais aumenta, chegando a ser um fato psicossocial muito delicado em nossa sociedade.

Os dados levantados nesta pesquisa servirão de marco inicial para um trabalho mais profícuo de investigação. Acredito que outras pesquisas virão elucidar com maior riqueza certos aspectos ainda não estudados desse tema psicosocial, abrindo mais espaços na ajuda daqueles que pensam estar sem caminhos - as vítimas desamparadas da perda afetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A LEI DO DIVÓRCIO COM JURISPRUDÊNCIA - Completa e atualizada emenda constitucional nº 9 de 28/6/1977: Dá nova redação ao parágrafo 1º do artigo 175 da Constituição Federal, Lei nº 6515, de 26/12/1977: Regula os casos de dissolução da Sociedade Conjugal e do Casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 1985, R.J.

AGRAS, W.S. - Behavior Modification, Principles and Clinical Aplications, Little, Brown and Company, 1972, Boston.

AZEVEDO, T. - "Família, Casamento e Divórcio no Brasil". Journal of Interamerican Studies, Gaines-Ville (Florida), Apr.1961, 213-237.

BANE, M.J. - "Marital Disruption and Lives of Children" - Journal of Social Issues, vol. 32, nº 1, 103-117, 1976.

BARRETO, A. e al. - Pesquisa de Campo no Hospital Universitário da UFRJ e Instituto de Psiquiatria, UFRJ, 1987.

BARRETO, R. - Metodologia Utilizada na Representação Gráfica por Microcomputador dos Dados da Pesquisa - Relatório de seis páginas, 1987.

BECK, A.T. - Depression - Causes and Treatment, University of Pennsylvania Press Ed., 1970, Philadelphia.

BECK, A.T. e al - Cognitive Therapy of Depression, New York: Guilford Press, 1979.

BOHANNAN, P. - The Six Station of Divorce, in Divorce and After, Bohannan p: (Ed), New York: Ancher Books, 1970.

BLOOM, B.L. e al. - Marital Disruption as a Stressor: On a Review Analysis, Psychological Bulletin, vol. 85, 1978: 867-894, University of Colorado.

BONKOWSKI. S.E. and WANNER - WESTLY, B. - The Divorce Group: A New Treatment Modality Social Casework: The Journal of Contemporary/Social Work, 60, 1979: 552-557.

BOWLBY, J. - Loss: Sadness and Depression - Attachment and Loss, vol. III, New York: Basic Books, 1980.

CÂNDIDO, A. - The Brazilian Family - Em T.L. Smith e A. Marchant (Orgs.) Brazil: Portrait of Half a Continent, New York, The Dryden Press, 1951, Chapter 13, 292-312.

CAPLAN, G. - Principles of Preventive Psychiatry, New York: Basic Books, 1964.

CLAYTON, P.J. and DARVISH, H.S. - Course of Depressive Symptoms Following the Stress of Bereavement, in: BARRETT, J.E. (Ed.) Stress and Mental Disorder. New York, Raven Press, 1979.

CUNHA, M.T. - Ex-casados juntam-se em Brasilia para espantar a solidão, Jornal do Brasil, 8/3/1985, P.10.

DURKHEIM, E. - Le Suicide Anomique, in: Le Suicide - Paris, PUF, 1969, liv. 2º, cap. 5, p. 279-88 - Tradução de Laura Natal Rodrigues.

EASTMAN, C. - Behaviorial Formulation of Depression-Psychological

Peview, 1976, vol.183 nº 4, 277-291 - University of Birmingham, England.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, 1980, vol.2, pág.292, itens 3 e 4.

FOLHA DE SÃO PAULO - "Matou os filhos porque passava necessidades", pág. 9, 05/02/83 - Classificação: crimo-criança - São Paulo, Gerência do Centro de Documentação, J.B.

FROILAND, D.J. e al. - Counseling for Constructive Divorce, Personnel Guidance Journal, 55,1977: 357-362.

GAUTHIER, Y., and MARSHALL, W. GRIEF - A Cognitive Behavioral Analysis Cognitive Therapy and Research 1:39-44, 1977 (Apud Solsberry e al. Estudo sem data e editora).

GLASS, D.C. - Behavioral, Cardiovascular and Neuroendocrine Responses to Psychological Stressors, 1983, in: Internacional Review of Applied Psychology (Sage London, Beverly Hills and New Delhi). vol. 32, 137-151.

GOVE, W.R. e al. - Does Marriage Have Positive Effects on the Psychological Well-Being of the Individual? Journal of Health and Social Behavior, 1983, vol. 24 (June) 122-131.

GRANATO, F. - Carta de Isabel reclamando de abandono, Jornal do Brasil, 4/5/87, 1º caderno, R.J.

HOROWITZ, M. - States of Mind, New York: Plenum, 1979.

HUNT, M.M. - The World of the Formerly Married, New York: Mc graw-Hill, 1956.

ISRAEL, S. - A Bibliography on Divorce, New York: Free Press, 1956.

JORNAL DO BRASIL - "Cinco crianças morrem na mão dos pais à tiro, faca e veneno para rato" - Publicado na pág. 16 em 8/1/86, S.P. - Classificação: crime - criança-Brasil. Gerência do centro de documentação, J.B.

JORNAL DO BRASIL - Separação de casais chega a 5 mil, 533 em 1986, publicado em 04/01/87, pág. 8, Gerência do centro de documentação, Classificação: casamento, J.B.

_____ - Tristeza por perder alguém pode até matar, pág. 21, de 12/3/87.

_____ - "Homem se mata no fórum após atirar na mulher, publicado na pág. 7 em 18/9/86, Classificação: Suicídio-Brasil - Gerência do Centro de Documentação.

KALMYKOVA, E.S. - Psychological Problem of the First years of Married Life. Soviet Psychology, vol. 22, nº 3, 1984, 61-73.

KRESSEL, K. and DEUTSCH, M. - Divorce Therapy: an in- Depth Survey of Therapist's Views.

Rutgers University, New Brunswick, New Jersey, Columbia University, New York, N.Y. (Obra sem data).

KUBLER-ROSS, E. - On Death and Dying. New York: Machmilland, 1969.

LAZARUS, A.A. - Behavior Therapy and Beyond, McGraw-Hill Book Company, 1971, N.Y.

LINDEMANN, E. - Symptomatology and Management of Acute Grief. American Journal of Psychiatry 101:141-149, 1944 (Apud Solsberry e al., Estudo sem data e Editora).

MALDONADO, M.T. - Casamento, Término e Reconstrução, Ed. Vozes Ltda, 1986, R.J.

MEICHENBAUM, D. - Cognitive - Behavior Modification - an Integrative Approach, Plenum Press, New York, 1977, pp. 193.

MENDONÇA, L. - Nupcialidade no Rio de Janeiro: Alguns Resultados Preliminares em Leon Tabah, "Plan de Recherche de Sept Enquetes comparatives Sur la Fecondité en Amerique Latine Population, vol.19, nº 1, 1964, pp.95-126.

MOSKOFF, W. - Divorce in the USSR, Journal of Marriage and the Family, Sangamon State University Springfield, 1983.

MOSS, G.R. e BOREN, J.H. - Depression as a Model for Behavioral Analysis. Comprehensive Psychiatry, 1972, 13, 581-590.

MOWRER, H.O. - Teoria da Apredizagem de Sinal e Aprendizagem de Solução. Em SAHAKIAM, W. S., Aprendizagem - Sistemas, Modelos e Teorias, R.J., Ed. Interamericana, 1980, cap. 6, 202-218.

O GLOBO - "Pai mata filho a facadas, para se vingar da mulher", 22/3/84, pág. 8, Classificação: crime, criança, Brasil-Brasília, Gerência do centro de documentação.

_____ - "Rigor das novas leis não impede que italianos matem por ciúmes", 31/8/85, pág. 31, Classificação: Comportamento Roma, Gerência do centro de documentação.

_____ - Fiscal mata o filho de sete anos, incendeia a casa e comete suicídio". Publicado na pág. 15 de 26/11/85, Classificação: crime-Rio de Janeiro, R.J. - Gerência do centro de documentação.

_____ - "O marido se mata no fórum após atirar na mulher, publicado na pág. 7 em 18/9/86, R.J. - Gerência do centro de documentação.

_____ - "Marido mata mulher e fere o enteado usando duas facas", Publicado na pág. 30 em 07/10/86. Gerência do centro de documentação.

PARAD, H.J. (ed) - Crisis Intervention: Selected Readings. New York, Family Service Association of America, 1965.

PEARLIN, L.S. - Marital Status, Life Strains and Depression American Sociological Rev., 42, 1977, 704-715.

PESQUISA realizada no Hospital Universitário Pedro Ernesto da UFRJ, Universidade do Rio de Janeiro, através do arquivo geral de pacientes em alta, 1986.

_____ realizada no Ambulatório do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, através do livro de registro de entradas de pacientes para internação, 1987.

POLLOCK, G.H. - The Mourning - Liberation Process and Creativity:The case of Kathe Kollowitz; The Annual of Psychoanalysis 10:333-354, 1982 (Apud Solsberry e al. Estudo sem data e Editora).

RAPHAEL, B. - Preventive Intervention with the Recently Bereaved Archives of General Psychiatry, 34: 1450-1434, 1977, (Apud Solsberry e al. Estudo sem data e Editora).

_____ - The Anatomy of Bereavement, New York, Basic Books, 1983.

SOLSBERRY, V. e KRUPNICK, J. - Adult's Reaction to Bereavement (Estudo sem data e Editora).

SILVERMAN, C. - The Epidemiology of Depression, Baltimore, md: Johns Hopkins University Press, 1968, p. 73-74.

STUBBE, H. - Verwitwung und Trauer im Kulturvergleich. Mannheim, 1983.

- Psicologia clinica do Divórcio- Seminário de Pós-Graduação-PUC/RJ 1986.

TOFFLER, A. - O Choque do Futuro, Editora Artenova S.A., Rio de Janeiro, 1973.

VELHO, G. - Aliança e Casamento na Sociedade Moderna: Separação e Amizade em Camadas Médias Urbanas - Boletim do Museu Nacional. Nova série Antropologia nº 39, agosto de 1983.

_____ - Dramas e Rotinas da Separação, Jornal do Brasil, 14/07/85, Caderno Especial.

VOLKAN, V. - Normal and Pathological Grief Reaction - A Guide For The Family Physician, Virginia Medical Monthly 93: 651-656 (Apud, Solsberry e al. Estudo sem data e editora).

WEISS, R.S. - Marital Separation, New York, Basic Books, 1975.

_____ - The Emotional Impact of Marital Separation, Journal of Social Issues, volume 32, number 1, 1976, University of Massachussetts, Boston.

WILLEMS, E. - The Structure of Brazilian Family - Sociologia 16 (4), Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1954, 339-345.

WOLPE, J. - Psychotherapy by Reciprocal Inhibition, Stanford University Press, Stanford, , California, 1965.

_____ - The Practice of Behavior Therapy, New York, Pergamon Press, 1969.

_____ - Neurotic Depression: Experiment Analogue, Clinical Sindrome and Treatment, American Journal of Psychotherapy, 1972, 25, 632-368.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

HANNES STUBBE
Orientador
PUC/RJ - Deptº Psicologia

MONIQUE ROSE-AIMÉE AUGRAS
PUC/RJ - Deptº Psicologia

MARIA HELENA NOVAES MIRA
PUC/RJ - Deptº Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1987

VERA MARIA FERRÃO CANDAU
Coordenadora dos programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas